

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação



1290002549



FE

TCC/UNICAMP T139i

Paula Yetsuko Tanguan Takaezu

A INTERPRETAÇÃO ERÓTICA
DOS CONTOS DE FADAS

Campinas
2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

ACC 520 735

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

Paula Yetsuko Tanguan Takaezu

A INTERPRETAÇÃO ERÓTICA
DOS CONTOS DE FADAS

Monografia apresentada à
Faculdade de Educação da
UNICAMP, para a obtenção
do título de Bacharel em
Pedagogia, sob a orientação
do Prof. Dr. Joaquim Brasil
Fontes Jr.

Campinas
2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

T139i Takaezu, Paula Yetsuko Tanguan.
A interpretação erótica dos contos de fadas / Paula Yetsuko Tanguan
Takaezu. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Joaquim Brasil Fontes Júnior.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -- Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Erotismo. 2. Sexualidade. 3. Psicanálise. 4. Literatura infantil. I.
Fontes Júnior, Joaquim Brasil. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

04-138
RP/FE

Eu dedico este trabalho à minha família –
meus pais e irmãos – a quem, sem temor,
posso mostrar minhas verdades e para
quem desejo tornar-me uma pessoa melhor
todos os dias.

E também àqueles que, com um singelo
“Como está seu TCC?” tiveram o poder de
inspirar meu espírito e serenar minha alma.

Agradecimentos

Eu agradeço a realização deste trabalho ao meu orientador Prof. Dr. Joaquim Brasil Fontes Jr., pela alma encantadora e bondosa que se apresentou. Também à segunda leitora Profa. Dra. Ana Luiza B. Smolka, por sua disposição e generosidade.

Agradeço à minha querida amiga Giseli, por seus tantos talentos e seu poder de aumentar ainda mais minha admiração.

E, por fim, agradeço às minhas companheiras dessa jornada surpreendente, Marcela, Yara e Flávia, compartilhando anseios, aflições, alegrias, decepções e conquistas. Minha estima é imensurável.

Resumo

Através da exposição dos fundamentos da psicanálise freudiana, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade, e também da psicanálise junguiana, tratando da linguagem simbólica e dos símbolos, procurou-se fazer emergir as faces eróticas cobertas por vestes inocentes e infantis usadas pelos contos de fadas.

Para chegar aos contos de fadas mesmos, passa-se pela Literatura e sua definição; depois, pela história da construção da infância e da concepção conhecida hoje. Assim, explica-se a relação entre as narrativas maravilhosas e o público infantil.

Nas coletâneas de Charles Perrault, Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen encontram-se as versões mais famosas dos contos de fadas, entre elas estão Chapeuzinho Vermelho, A Bela Adormecida e A Pequena Sereia, para as quais são dadas leituras baseadas nas idéias de erotismo, que também tem sua concepção e suas relações apresentadas.

Desse modo, tenta-se edificar uma análise dos contos de fadas - vistos como literatura desde sempre infantil - apoiada em conceitos de sexualidade e erotismo, colocando à mostra as ocultas faces sensuais dessas histórias mágicas.

SUMÁRIO

Dedicatória	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Introdução	7
Literatura	9
Histórias para Crianças?	11
Os Contos de Fadas	14
Os Contadores de Histórias	16
Falando sobre Perrault	16
Falando sobre os Irmãos Grimm	17
Falando sobre Andersen	18
Psicanálise	20
Sexualidade pela Psicanálise Freudiana	21
Psicanálise e Literatura	23
Erotismo	26
O Símbolo e a Linguagem Simbólica	28
Lendo os Contos de Fadas	30
Chapeuzinho Vermelho	30
Falando sobre Chapeuzinho Vermelho	36
A Bela Adormecida	39
Falando sobre A Bela Adormecida	48
A Pequena Sereia	50
Falando sobre A Pequena Sereia	66
Conclusão	68
Referência Bibliográfica	70
Anexos	
Anexo 1 – Édipo Rei	72
Anexo 2 – Eros e Psiquê	76
Anexo 3 – Chapeuzinho Vermelho	80
Anexo 4 – Sol, Lua e Talia	82

INTRODUÇÃO

Ao redor de lareiras, para acabar com o tédio dos serviços domésticos, surgem os contos de fadas, mais ou menos no século XVIII.

Com seu inegável poder de sedução, os contos de fadas são, por um lado, conforme Darnton, o retrato da realidade dos camponeses do século XVIII e, por outro, segundo a psicanálise, a expressão do inconsciente coletivo.

A psicanálise oferece uma leitura peculiarmente instigante. Apresentando as fases do desenvolvimento libido – um tema que, mesmo atualmente, não deixou de ser tabu, o que o torna mais atraente – a psicanálise permite o olhar sob a perspectiva do que está oculto por trás das vestes inocentes e mágicas dos contos de fadas. É tudo que se permite enxergar num primeiro momento: histórias cândidas e encantadoras, recheadas com feitiços, intrigas, perigos, varinhas de condão, príncipes e princesas de reinos distantes. Mas, ao aproximar-se dessas narrativas, é possível perceber as pegadas eróticas sobre elas.

Sendo assim, conhecendo os fundamentos principais da psicanálise – especialmente no que se refere à sexualidade – tem-se o alicerce para a edificação de uma leitura dos contos de fadas direcionadas por sinais eróticos.

Se os contos de fadas falavam sobre a realidade dos camponeses, entre os quais se originaram, eles não precisavam de artifícios e disfarces para tratarem dos assuntos mais impressionantes – incestos, estupros, canibalismo e assassinatos. Mas, para se adequarem ao gosto do público, quando de sua coleta literária, os contos de fadas sofreram censura, apresentando-se no formato conhecido hoje.

Apesar dessa censura, os contos de fadas mantiveram sua essência, possibilitando o reconhecimento de que *“contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo”* (Franz, p. 9). Então, sob uma perspectiva junguiana, constituem a representação simbólica de conflitos comuns a todos os indivíduos e das possibilidades de solução. Já para a concepção freudiana, os contos de fadas são formas simbólicas de expressão daquilo que foi vetado pela cultura e pelo superego, ou seja, as fantasias guiadas pelo princípio do prazer e pelo desejo.

Sob os símbolos e as transformações escondem-se, então, os sentimentos e as intenções reprimidos. A psicanálise é o instrumento que pode trazê-los à tona.

Então, com a mesma curiosidade de Psiquê, mas desejando não ter o mesmo destino, tenta-se, à luz das teorias psicanalíticas, iluminar as sombras nas quais se encontra o lado erótico dos contos de fadas.

LITERATURA

“Será que é errado dizer que literatura é aquilo que cada um de nós considera literatura? Por que não incluir num conceito” amplo e aberto de literatura as linhas que cada um rabisca em momentos especiais? Ou aquele conto que alguém escreveu e está guardado na gaveta? Por que excluir da literatura o poema que seu amigo fez para a namorada, só mostrou para ela para mais ninguém? Por que não chamar de literatura a história de bruxas e bichos que de noite, à hora de dormir, sua mãe inventava para você e seus irmãos? Por que negar o nome de literatura aos poemas mimeografados que o jovem autor vende para a platéia depois do espetáculo ou na feira hippie de domingo?” (p. 97).

Estas são as indagações levantadas por Lajolo (1982) para direcionar a caminhada em direção a uma resposta à questão “O que é literatura?”.

Alguns textos gozam de fama e reconhecimento. Outros, muitas vezes, não têm nem mesmo um leitor. Contudo, estes dois tipos de produção – o famoso e o desconhecido – podem ser abraçados pela Literatura.

O que torna um texto uma obra literária é o aval dado pelas instâncias certas. Estas são, em geral, a universidade, os intelectuais, a crítica, a academia. Essa aprovação não é direta e explícita, como que usando um carimbo ou uma assinatura de certificação. Trata-se de algo sutil, um consentimento subentendido, disfarçado como uma nota crítica ou uma indicação, por exemplo.

Como importante “juiz” do que pode ser considerado literatura ou não, encontra-se a escola. “*A instituição escolar é das que há mais tempo e com maior eficiência vem cumprindo o papel de avalista e fiadora da natureza e valor literários dos livros em circulação*” (Lajolo, 1982, p. 102). É aqui a hora oportuna para ser apresentado o termo “clássico”.

Num primeiro momento, “clássico” é relacionado às produções da Grécia Antiga e de Roma, especialmente. Porém, mesmo não datando de tão longo tempo, mas sendo considerado, sem contestações, uma obra excelente, basta para ser tratado como clássico.

A origem da palavra “clássico” vem do latim *classis*, ou seja, classe de escola. O clássico, portanto, era assim chamado quando julgado pertinente à leitura dos estudantes, tendo em vista a concretização dos objetivos da escola. Esta, por sua vez,

selecionava principalmente os autores antigos. Encontra-se aí uma explicação plausível para a relação do significado.

Além da valorização dos antigos sobre os novos, há o privilégio do escrito sobre o oral. A justificativa pode ser encontrada no dicionário, na definição da palavra “Literatura:

“Literatura [Do lat. *Litteratura*.] S.f. 1. Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época. 3. Os homens de letras: *A literatura brasileira fez-se representar no colóquio de Lisboa*. 4. A vida literária. 5. A carreira das letras. 6. Conjunto de conhecimentos relativos às obras ou aos autores literários : *estudante de literatura brasileira; manual de literatura portuguesa*. 7. Qualquer dos usos estéticos da linguagem: *literatura oral q. v.* 8. *Fam.* Irrealidade, ficção: *Sonhador, tudo quanto diz é literatura*. 9. Bibliografia: *Já é bem extensa a literatura da física nuclear*. 10. Conjunto de escritos de propaganda de um produto industrial”.

Atendo-se ao fato de que *Litteratura* nasce de *littera*, que significa letra, notamos que se trata do símbolo gráfico que representa, por escrito, o som da língua. Erudição, conhecimento gramatical e domínio de línguas clássicas também podem ser acrescentados à relação letra/literatura.

Apesar de todos os significados e os conceitos que “Literatura” carrega, todas as definições apresentadas são provisórias. Somente as mudanças são constantes. No acontecer da história, a definição para literatura é rígida para logo se tornar branda. Quando é restrita, com exigências inflexíveis, não resiste e, já abrangente, acena para todos os tipos de produções. E tudo isso guiado pelo seu cenário, seus personagens – principais e coadjuvantes – seu enredo e sua platéia históricos.

Sendo assim, para saber o que é literatura, Lajolo (1982) sugere embebedar-se dela própria – “*livrões e livrinhos, livros e revistas, panfletos e jornais. É ouvir música e cantar e seguir novelas, que a festa é de arromba e, já se sabe, o melhor o tempo esconde longe, muito longe, mas bem dentro aqui*” (p. 150).

As crianças, em meio a esse gigantesco universo literário, nem sempre tiveram um espaço para se acomodar...

A literatura, hoje considerada infantil, não nasceu infantil...

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS?

Os contos de fadas – considerando sua trajetória a partir do século XVIII, aproximadamente, na Europa – eram narrados ao redor das lareiras das cabanas dos camponeses. Eles retratavam, em especial, o vivido, as experiências, as esperanças, os almejos.

Livres de pudores diante de tabus, na França do século XVIII, os contadores de histórias não utilizavam símbolos secretos, tampouco eufemismos, falando sobre o mundo brutal de modo direto e explícito, desde estupros e sodomia a incestos e canibalismo.

Sendo assim, os dramas, os desejos e as soluções para os problemas apresentados nos contos eram o reflexo da realidade. O abandono dos filhos para evitar que toda a família morresse de fome – como pode ser visto em “João e Maria” - ou pedir apenas por uma mesa farta, dentre tantas outras possibilidades tão vultosas, não eram atitudes absurdas, se apoiadas no contexto real das histórias. A fantasia e a magia tratam mais de proporcionar o necessário para a sobrevivência do que realizar desejos extravagantes.

Ainda que nas histórias houvesse a fantasia, esta estava relacionada, de alguma maneira, ao mundo real. *“Na maioria dos contos, a satisfação dos desejos se torna um programa para a sobrevivência, não uma fantasia ou uma fuga”* (Darnton, 2001, p. 53-54).

Durante o Antigo Regime, a rotina dos camponeses consistia basicamente na luta pela sobrevivência. Tais condições podem ser percebidas nos contos “O gato de botas” e “O pequeno polegar”, por exemplo.

Diante desse quadro, as crianças não desfrutavam de um tratamento especial e adequado a sua idade. *“Ninguém pensava nelas como criaturas inocentes, nem na própria infância como uma fase diferente da vida, claramente distinta da adolescência, da juventude e da fase adulta por estilos especial de vestir e de se comportar”* (idem, p. 47).

No período medieval, a criança tinha uma existência indiferente diante do olhar da família e da sociedade.

A família na Idade Média, bastante distinta da família nuclear, composta pelos cônjuges e seus filhos, incluía vizinhos, criados, amigos, crianças e velhos, homens e mulheres. E no meio desse cenário, a criança, tão logo sobrevivesse ao período em que dependia em absoluto dos cuidados da mãe e da ama, já estava inserida no mundo dos adultos, participando das atividades, jogos e trabalhos dele. Aqui, a meta da família consistia em manter os bens, ajudar-se mutuamente e exercer um mesmo ofício.

Porém, não eram muitas as crianças que conseguiam alcançar essa “fase”. Era comum, até o final do século XVII, o infanticídio tolerado. *“O infanticídio era um crime severamente punido. No entanto, era praticado em segredo, correntemente, talvez, camuflado, sob a forma de um acidente: as crianças morriam asfixiadas naturalmente na cama dos pais, onde dormiam. Não se fazia nada para conservá-las ou para salvá-las”* (Áries, 1981, p. 17).

A morte das crianças não causava grande comoção. Os túmulos de infantes eram raros, portanto. *“Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois uma outra criança logo a substituiria”* (idem, p. 10).

Apesar desse contexto, nasceu um sentimento dedicado à criança em seus primeiros anos de vida – a paparicação. *“Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto (...)”* (idem, p. 158). Os educadores e os moralistas do século XVII, por sua vez, direcionaram sua preocupação em relação à criança nos aspectos psicológico e moral.

A reorganização do espaço familiar, que se converteu em um lugar mais íntimo, no fim do século XVII e começo do XVIII, fez surgir o sentimento de família, focado principalmente na mulher e na criança, com interesse crescente pela educação da mesma e maior importância do papel da mulher.

A partir daqui, os pais deveriam não apenas gerar seus filhos, mas também oferecer a eles uma boa preparação para a vida. A criança, então, tem a construção de sua “identidade” particular iniciada.

Um notável ponto a destacar é o que diz respeito à desforra dos miseráveis sobre os mais afortunados, fato este bastante presente nos contos. Isso trazia certa satisfação aos camponeses. Aqui, o velhaco encontra destaque. É por meio dele que os

oprimidos conquistam certas vantagens contra seus opressores. Observa-se aqui, mais uma vez, a fantasia sempre fincada no campo real.

Portanto, apesar de serem logo relacionados ao universo infantil, os contos de fadas, originalmente eram destinados ao entretenimento adulto.

Devido a dois fatores principais, esses contos foram redirecionados ao público infantil. Primeiro, observou-se que a criança não era considerada como tal, ou seja, distinta do adulto, com necessidades e identidade específicas, até o século XVII. Desse modo, dividindo o mesmo espaço e as mesmas atividades com o adulto, a criança tinha acesso aos contos de fadas e sentia-se fascinada pelo seu mundo imaginativo.

Com a Revolução Industrial, a queda da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida – século XVII até XIX – a noção do conceito de infância que existe atualmente começa a impor-se.

A criança, então considerada socialmente, passou a despertar a preocupação da Igreja, dos moralistas e dos pedagogos em relação aos aspectos educativo e disciplinador. Aqui, encontra-se o segundo elemento que liga as crianças aos contos de fadas. Estes sempre apresentam valores morais e regras a serem seguidas por uma comunidade.

OS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas, apesar da denominação, nem sempre contam com fadas.

Os contos que hoje são bastante conhecidos e classificados simplesmente como “contos de fadas”, têm, na verdade uma distinção. Alguns são representantes do conto de fadas, efetivamente, ao passo que outros constituem contos maravilhosos.

Contos de fadas e contos maravilhosos, ainda que, atualmente, tratados como equivalentes, apresentam, cada qual, aspectos bastante particulares e distintos.

Os contos maravilhosos consistem em narrativas que se desenrolam em um ambiente mágico – objetos mágicos, gênios, duendes, animais falantes, espaço e tempo familiares – entretanto, as fadas não estão presentes. O tema gira em torno de questões sociais. O protagonista, por sua vez, tem como meta a aquisição de bens e poder materiais, riquezas; geralmente, suas aventuras iniciam devido à necessidade de sobrevivência, na tentativa de dirimir ou escapar de sua condição miserável.

A ênfase dos contos maravilhosos encontra-se, portanto, nas necessidades materiais e paixões humanas.

Suas raízes históricas mais remotas estão nas narrativas orientais, tendo como representante mais importante a coletânea “Calila e Dimna”, originária da Índia do século V a.C. Basicamente trata-se de fábulas, nas quais existe sempre a antropomorfização dos animais.

Existem ainda os manuscritos egípcios em papiro que datam de 3200 anos. Nele encontram-se narrativas que se assemelham a algumas das coletâneas indianas. Aqui, é bastante retratada a paixão humana, em especial a dualidade paixão-ódio, mostrando uma versão muito negativa da mulher, que separa irmãos e amigos, ademais de criar intrigas e provocar mortes.

As mil e uma noites é a coletânea maravilhosa mais conhecida no ocidente. Esta coletânea não tinha a pretensão moralizante: *“As mil e uma noites traziam a malícia e o alegre imoralismo dos antigos fabliaux franceses, porém com maior requinte e finura”* (Coelho, 1991, p. 24). Elas apresentavam o impressionante mundo de uma cultura e uma civilização diferentes.

Os contos de fadas, por sua vez, têm seu tema alicerçado na questão existencial. Seu protagonista, que se vê em meio a uma magia feérica – reis, rainhas, princesa,

príncipes, gigantes, bruxas, objetos mágicos, transformações – deve superar uma série de obstáculos para atingir sua auto-realização. Assim, o alcance deste objetivo pode dizer respeito tanto ao encontro de si mesmo quanto a ao encontro de sua princesa ou seu príncipe. Essa busca, em geral, inicia-se com uma metamorfose, um encantamento.

Suas fontes contam com a cultura celta, da qual nasceram as fadas, ou seja, o surgimento poético céltico-bretão das mulheres sobrenaturais que deram origem às fadas.

As primeiras figuras de fadas se mostram na literatura cortesã-cavaleiresca datadas da Idade Média, nos lais da Bretanha e nas novelas de cavalaria do Rei Artur, tendo ambos origem céltico-bretã.

Nessa literatura, nota-se o surgimento do amor espiritual, avassalador, mágico e eterno, relacionado às primeiras fadas apresentadas ao mundo – Viviana, Morgana.

OS CONTADORES DE HISTÓRIAS

Os contos de fadas, em suas versões mais conhecidas, são apresentados pelo francês Charles Perrault e, mais de um século depois deste, pelos irmãos germânicos Jacob e Wilhelm Grimm e pelo dinamarquês Hans Christian Andersen.

Falando sobre Perrault

Charles Perrault nasceu em Paris, na França, no dia 12 de janeiro de 1628. Pertenceu a uma nobre família – o pai, Pierre Perrault, era advogado do Parlamento - da cidade de Tours, cidade próxima à Paris. Perrault foi um brilhante estudante, formando-se em direito em 1651 pelo Colégio de Beauvais, em Paris, sendo logo admitido como advogado desse mesmo colégio. Abandona cedo a profissão e passa a trabalhar com o irmão, Administrador Geral das Finanças de Paris.

Começou a trabalhar com Jean-Baptiste Colbert, um influente ministro da França, em 1663, ganhando logo sua confiança e sendo nomeado secretário da Pequena Academia, chamada mais tarde de Academia das Inscrições e das Belas Letras. Logo depois foi ativo participante do Conselho das Edificações do rei, sob o título de Primeiro Comissário das Edificações.

Perrault foi eleito para Academia Francesa em 1671. Casou-se, no ano seguinte, com Marie Guichon que, na época, contava apenas 19 anos, e com quem teve três filhos. Apenas sete anos depois, tornou-se viúvo.

A divulgação de seu poema “O Século de Luís, o Grande”, de 1687, ressuscitou a famosa Querela entre os Antigos e os Modernos. Em defesa dos autores modernos, Perrault publicou entre 1667 e 1697 seus Paralelos entre os Antigos e os Modernos, e entre 1696 e 1700, Os Homens ilustres.

Esses textos, apesar de sua importância, não deram a Charles Perrault sua fama que perdura até hoje. O responsável por isso foi uma coletânea de contos, hoje os conhecidos contos de fadas.

Charles Perrault morreu em 16 de maio de 1703, após perder seus três filhos.

A coletânea de contos populares de Perrault sofreu grande censura quanto a alguns aspectos e motivos que, na versão original, poderiam causar espanto ou mesmo não serem compreendidos pelo público, a corte francesa. Qualquer elemento que

poderia ofender os membros da corte foi retirado ou adaptado. Elementos que caracterizavam a sociedade da época também foram acrescentados para a identificação do público, tais como espelhos e assoalhos e a crise de fome de 1693.

“Histórias ou Contos do tempo passado, com moralidades”, uma coletânea de oito contos – A bela adormecida no bosque, Chapeuzinho Vermelho, Barba Azul, O mestre gato ou O gato de botas, As fadas, Cinderela ou O sapatinho de vidro, Riquete do topete e O pequeno polegar – foi publicada em 1697; apresenta ao final de cada conto, sua lição de moral em forma de verso.

Por meio desses contos, que até então eram vistos como vulgares e grotescos, Charles Perrault, dando-lhes uma versão mais sofisticada, fantástica e comovente, intermediou a cultura camponesa dos adultos e a cultura cortesã das crianças, com a pretensão de civilizar, socializar e educar as crianças.

Falando sobre os Irmãos Grimm

Jacob Ludwig Carl Grimm e Wilhelm Carl Grimm nasceram, respectivamente, em 04 de janeiro de 1785 e 24 de fevereiro de 1786 em Hanau, Alemanha.

Em 1802, Jacob Grimm inicia seus estudos em Diretos na Universidade de Marburg. Wilhelm Frimm começa o mesmo curso na mesma universidade no ano seguinte.

Influenciados pela coletânea de poesias populares de Clemens Brentano e Achim von Arnim, *Des Knaben Wunderhorn*, os dois Irmãos Grimm começam a coletar contos populares em 1806.

Aos 73 anos, em dezembro 1859, Wilhelm Grimm faleceu. Quase quatro anos depois, em setembro de 1863, morreu seu irmão Jabob Grimm, aos 78 anos.

A coletânea de contos populares dos Grimm, *Contos da infância e do Lar*, foi publicada em dois volumes nos anos de 1812 e 1815. O primeiro volume contou com 86 contos, enquanto o segundo, apresentou mais 70. Esses números, porém, não consistiam apenas de contos, mas também de piadas, fábulas, anedotas, lendas e outros tipos de narrativas tradicionais.

Essa coleta contou com diversas fontes, orais e literárias. Em sua maioria, seus colaboradores foram mulheres cultas do mesmo nível social. Entretanto, consideraram também as narrativas de contadores populares “ignorantes”.

Intentaram por meio do resgate desses contos populares, o estudo da língua alemã e a reconstrução da realidade histórica do país. Sendo assim, em suas versões, os contos permaneceram o mais próximo possível do seu original, sem adaptações ou lição de moral. Não obstante, omitiram alguns elementos que consideraram vulgar, embora preservassem e até mesmo intensificassem a violência de alguns contos.

Falando sobre Andersen

Filho de um sapateiro e de uma lavadeira, Hans Christian Andersen nasceu em 2 de abril de 1805, em Odense, Dinamarca.

Após a perder seu pai em 1816 e o segundo casamento de sua mãe em 1819, Andersen mudou-se sozinho para Copenhage, quando contava apenas 16 anos de idade. Sem sucesso, tentou o universo cultural – teatro, dança e canto.

Andersen freqüentou a escola com crianças de 12 anos, quando já tinha 16. Detestava seu professor, que o repreendia a todo tempo e tampouco gostava de seus colegas, que estavam sempre ridicularizando-o pelo seu modo de andar por suas manias estranhas. Mas, Jonas Collin, um diretor de teatro e seu protetor, providenciou para que Andersen terminasse seus estudos. Andersen concluiu os estudos secundário aos 23 anos.

Os anos que se seguiram a partir do fim de seus estudos foram bastante “providenciais”. Andersen escreveu peças de teatro e narrativas fantásticas; dentre elas, seu primeiro sucesso – “Passeio a pé do canal de Holmen à ponta leste da ilha de Amage”, em 1829.

Graças ao seu protetor Collin, Andersen pôde viajar para diversos países, tais como França, Itália e Alemanha. De volta à sua terra natal, escreveu sobre os lugares em que esteve, mais romances e relatos autobiográficos.

Em 4 de agosto de 1875, Hans Christian Andersen morreu em Copenhage, aos 70 anos de idade.

Os contos de Andersen não tiveram as crianças como direção principal. No entanto, isso não significa que ele não tivesse pensado nelas. Entre 1835 e 1842, publicou “Contos para crianças”, nos quais dirigia-se às crianças em especial. Porém, a partir de 1844, isso não se repetiu mais.

Ao contrário de outros autores, que foram coletores de contos antigos de tradição oral, Andersen reclama a autoria de todos os seus contos, mesmo reconhecendo que alguns eram inspirados por histórias que ouvira em sua infância.

Mais uma vez contrariando seus “colegas”, Andersen não se utilizava muito da fórmula “e viveram felizes para sempre”, fazendo com que órfãos e criancinhas padecessem e apresentando muito sofrimento físico e até terminando seus contos com morte. Isso, contudo, não diminuiu o fascínio que seus contos despertavam e continuam a despertar.

PSICANÁLISE

Psicanálise é a ciência do inconsciente. Trata-se de um método de investigação que busca o significado inconsciente das ações, das palavras, das produções imaginárias – sonhos, fantasias, delírios – de um indivíduo.

A Psicanálise foi desenvolvida especialmente por Sigmund Freud, que tratou de pacientes neuróticos a princípio, por meio da hipnose. Considerando a hipnose um método inadequado, já que seus resultados não eram permanentes, Freud o substituiu pela associação livre, que consiste em permitir que o paciente fale sem restrições ou censura.

Freud adotou a palavra “aparelho” para denominar uma organização psíquica que está dividida em instâncias, cada qual com uma função particular, mas relacionadas entre si, encontrando em um lugar certo da mente. Essa teoria fragmenta-se em duas – “Primeira Tópica” ou “Topográfica” e “Segunda Tópica” ou “Estrutural.”.

Desenvolvida sob a inspiração da análise de sonhos e da histeria, a Primeira Tópica é constituída pelo inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

O inconsciente diz respeito ao conteúdo que não está prontamente disponível à consciência, que tiveram negado seu acesso à consciência. O inconsciente pode ser o próprio processo que impede algumas idéias de virem à tona.

O consciente refere-se à capacidade de ter percepção dos sentimentos, pensamentos, lembranças e fantasias do momento. Tudo o que se concebe é a consciência.

Entre o consciente e o inconsciente há o pré-consciente. Este relaciona-se aos conteúdos que podem chegar à consciência. Pode ser o lugar do esquecido, do guardado, do que pode ser incômodo, mas não o bastante. Assim como o inconsciente, o pré-consciente não está imediatamente ao alcance da consciência, mas seu acesso a ela está aberto.

A Segunda Tópica foi pensada devido à insuficiência daquela que a precedeu. Esta fundamenta-se em três instâncias – o id, o ego e o superego.

O id é o reservatório inconsciente de conteúdos de natureza pulsional, os quais estão sempre ativas. Regido pelo princípio do prazer, o id exige satisfação imediata desses impulsos, desconsiderando qualquer tipo de consequência.

O ego, desenvolvido do id, trabalha principalmente em nível consciente e pré-consciente. Contudo, ainda mantém elementos inconscientes. Direcionado pelo

princípio da realidade, o ego regula os impulsos do id, tão logo encontre a circunstância propícia. Desejos inadequados não são satisfeitos, mas reprimidos.

O superego desempenha a função de censor das funções do ego, utilizando a consciência moral, a auto-observação, a formação de ideais como instrumentos. Dessa forma, torna-se a fonte dos sentimentos de culpa e medo de punição.

Sexualidade pela Psicanálise Freudiana

A sexualidade, antes da Psicanálise, era limitada ao que se relacionava ao ato sexual ou coito e, principalmente, à reprodução. A sexualidade infantil, portanto, era negada ou vista como anomalia.

Na teoria freudiana, ao contrário, a sexualidade infantil é o alicerce. Freud, nos seus "Três ensaios sobre a sexualidade", de 1905, trata da sexualidade desde a infância e no inconsciente. A partir daqui, a noção de sexualidade deixa de limitar-se ao ato sexual passando a ser encarado como um processo que inicia desde a infância e não somente na puberdade. Elaborou a teoria do desenvolvimento da libido - uma energia que busca o prazer. Em cada fase desse desenvolvimento, a libido se organiza voltada para uma zona erógena.

- Fase Oral

Esta fase se estende do nascimento até o segundo ano de vida, aproximadamente.

Aqui, o prazer está relacionado à recepção dos alimentos. A zona erógena é, portanto, a boca. Ela é o instrumento que possibilita experimentar e conhecer o mundo.

A necessidade de saciar a fome, entretanto, não é primordial, já que a criança leva à boca não apenas o seio materno e a mamadeira, mas também o dedo, lápis e outros objetos, pelo prazer proporcionado pela sucção. Caso contrário, recepcionara-se imediatamente quando levasse à boca o dedo e dele não obtivesse alimento algum.

- Fase Anal

Fase que se mostra nos segundo e terceiro ano de vida. Trata-se aqui, das fantasias cultivadas pela criança em volta dos produtos que ela própria produz, além das relações estabelecidas através desses produtos.

Nesta fase, a fantasia infantil está nas fezes, que dão prazer ao serem produzidas. São produtos que vêm de dentro do próprio corpo. As fezes torna-se um presente destinado aos pais e aqueles que rodeiam a criança e, se tratando de algo de seu próprio

corpo, é mais precioso.

- Fase Fálica

Esta fase começa a ser percebida por volta dos três anos de idade. A erotização, nesta fase, está voltada para os genitais. Estes, por sua vez, ainda não são pensados como dois - o pênis e a vagina - mas são considerados como a presença ou a ausência do pênis.

Com o interesse voltado para os genitais, a masturbação torna-se normal e frequente.

Agora, os objetos de amor são os pais, o genitor de sexo oposto ao da criança. Dessa forma, o genitor do mesmo sexo torna-se um obstáculo à concretização desse amor, o inimigo, o rival. Caracteriza-se aqui, o "Complexo de Édipo", que faz referência ao mito grego sobre o rei de Tebas, Édipo (anexo 1).

Mas, percebendo a impossibilidade da concretização de seu desejo, *"a criança aceita renunciar ao objeto de amor sexual, por medo da rivalidade poderosa do genitor de mesmo sexo, e pelo repúdio que experimenta de seu amado"* (Herrmann, 1989, p. 87).

- Período de Latência

Durante este período, após a repressão do completo edipiano, os desejos e impulsos sexuais são recalcados no inconsciente. A libido é canalizada para o desenvolvimento social e intelectual. A sexualidade adormecida nesse período despertará na puberdade.

- Fase Genital

Com as adaptações biológicas e psicológicas solidificadas, com o desenvolvimento intelectual e social, o indivíduo já é capaz de estabelecer vínculos afetivos e sexuais com o outro de forma ampla e duradoura.

Algumas das fases do desenvolvimento da libido são percebidos nos contos de fadas mais famosos. Em "João e Maria", pode ser reconhecida a fase oral, quando temos a presença dos alimentos tão acentuado. "Chapeuzinho Vermelho" mostra aspectos do Complexo de Édipo, característico da fase fálica. A sexualidade descrita pela Psicanálise, então, como o fundamento que sustenta uma análise dos contos de fadas clássicos, torna-se um campo bastante fértil, do qual brotam muitas possibilidades.

A libido, na concepção junguiana, “*é appetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos*” (Silveira, p. 41). Jung trata a libido de forma mais abrangente, não se limitando ao aspecto sexual. As relações com o mundo vão além de relações eróticas.

Psicanálise e Literatura

O primeiro elemento que relaciona a Psicanálise e a Literatura é a palavra. Ela é o alicerce sobre o qual se edifica uma obra literária e também é o fio que conduz um tratamento psicanalítico.

A obra literária, como arte, permite que o inconsciente venha à tona. E a aceitação da existência do inconsciente é o pilar que sustenta a Psicanálise. É no universo literário que o inconsciente toma posição privilegiada. “*É no percurso dos discursos, no fio enunciativo da trama ficcional, que o desejo aflora com a construção de seus objetos sempre se substituindo, sempre se travestindo de novas e inéditas aparências, com as palavras-vestes que os fazem cintilar*” (Brandão, p. 33).

Bebendo das águas da Literatura, a Psicanálise dá nomes às suas categorias fundantes – Complexo de Édipo, Narcisismo¹, Sadismo² – e também a padrões de maneiras de ser – bovarysta³, quixotesco⁴, macunaímico⁵. Enfim, a Literatura apresenta modelos de comportamento.

¹ Narciso era um jovem de singular beleza, filho do deus-río Cefiso e da ninfa Liríope. No dia de seu nascimento, o adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. Indiferente aos sentimentos alheios, Narciso desprezou o amor da ninfa Eco - segundo outras fontes, do jovem Amantis - e seu egoísmo provocou o castigo dos deuses. Ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até consumir-se.

² Donatien Alphonse François ou o Marquês de Sade foi um autor francês que, por causa de sua vida notavelmente escandalosa, gastou mais de 27 anos na prisão. A maioria de seus trabalhos é considerada obscena e impúblicável e foi escritos durante seus anos na prisão.

³ Emma Bovary, personagem da obra Madame Bovary, de Gustave Flaubert, é o retrato de uma mulher insatisfeita com a vida provinciana e sem paixões. Como válvula de escape da realidade, a personagem usa a leitura de romances de amor. Seu marido, Charles Bovary, é medíocre e acomodado. Emma Bovary comete adultério e tem o suicídio como fim.

⁴ Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Servantes, é um senhor rural que, obcecado pelas suas leituras, acaba por acreditar literalmente nas aventuras de cavalaria narradas e decide tornar-se um cavaleiro andante. Suas aventuras contam com a alucinação que transformavam moinhos de ventos em gigantes assustadores.

⁵ Macunaíma é o protagonista da obra de Mário de Andrade, Macunaíma, o Herói sem nenhum caráter. Ele é preguiçoso, manhoso, matreiro e mentiroso e está sempre em meio a confusões.

Soma-se a isso, o fascínio de Freud, o mestre fundador da Psicanálise diante da Literatura. Ele próprio, em seus relatos de caso, como em uma narrativa ficcional, envolve o leitor com as palavras.

“(...) para além da informação, há a criação de um mundo. No caso: um pedaço de história humana, de vida humana. Freud se esmera em dizer-nos que se trata de um ‘fragmento’ (Bruchstück), mas esse instante flagrado implica, como sempre que se trata de uma vida, a totalidade da existência, com seu tecido de relações, a convocação das entidades afetivas de cada um, o traçado de um destino: uma trama em que vontade pessoal, circunstâncias acidentais, inclinações e sobredeterminações (todos tem um pai e uma mãe...) se conjugam inextricavelmente. E nos quedamos fascinados, subjugados pela narrativa” (Meneses, p. 119).

Entretanto, para auxiliar na diferenciação de Freud entre o romancista e o psicanalista, estão as leis da Literatura. A Literatura favorece a mentira convincente em detrimento da verdade duvidosa. Dessa forma, a vida real permite acontecimentos mirabolantes, mas não a Literatura. Portanto, nos relatos de caso de Freud, tratando-se de fragmentos de vidas reais, encontram-se reviravoltas, imprevistos, revelações e descobertas avassaladoras que não se adequariam em um romance.

O relato do caso Dora mostra como a vida real permite surpresas impressionantes que a Literatura não aceita. Dora se sentia atraída pelo pai, que tinha como amante Frau K., esposa de Herr K., um amigo da família de Dora. Esta, por sua vez, deixava-se envolver por Herr K. que, apaixonado por Dora, tenta seduzi-la várias vezes. Juntos aos filhos dos K., Dora desempenha um papel quase maternal. Além disso, a governanta da família de Dora sustenta uma paixão pelo seu pai. Isso tudo já bastaria para complicar um romance que intentasse ser bem estruturado. Soma-se a isso, a atração que Dora sentia por Frau K. Aqui, o homossexualismo de Dora já não caberia no contexto já bastante complexo, se fosse um romance. Mas, considerando que isso é o retrato de uma vida real, todas essas condições são possíveis e aceitas, o que não aconteceria num romance, se bem escrito.

A palavra, portanto, exerce surpreendente poder tanto no mundo literário quanto nos campos psicanalíticos. Ela é capaz de curar uma patologia psíquica sem que haja qualquer contato físico entre psicanalista e paciente ou ainda sem o uso de medicamentos. Como o caso de Anna O., paciente de Freud, que se curou por tomar consciência de seu trauma e por ter conseguido, enfim, falar o que não era capaz antes.

Tratou-se da cura pela palavra ou “Talking Cure”, como chamou Anna O. O mesmo aconteceu com Scherazade, a contadora de histórias de “As mil e uma noites” que oferecia uma “cura pela narração” ao Sultão com sua cólera doentia e assassina.

“Jogue as tranças, Rapunzel!”, “Abra-te, Sèsamo!” são o exercício do poder que a palavra também tem na Literatura.

O olhar psicanalítico também é percebido nos contos de fadas, que, por meio de certos “estragemas” consegue envolver ainda mais seus leitores.

De acordo com os psicanalistas, o inconsciente é atemporal. Pode-se notar nos contos de fadas elementos que adotam essa atemporalidade e também a impessoalidade.

“Era uma vez...”, a tradicional abertura dos contos de fadas, não se refere a tempo algum, mas sim a todos os tempos e a qualquer tempo. Pode tratar-se de “uma vez” passada, presente ou mesmo futura. Tudo parece atual e acontece de modo simultâneo ao se inciar a leitura de uma nova história...

“Num reino distante...”, onde a maioria das histórias acontecem, permite que esse lugar seja tanto aqui quanto lá. Não fala de qualquer lugar em especial. É apenas um lugar, até mesmo onde se está no momento da narração.

Os nomes dos personagens principais dos contos mais famosos relacionam-se às suas características físicas ou emocionais – Cinderela ou Gata Borralheira que é obrigada a dormir em meio ao borralho ou cinzas; Chapeuzinho Vermelho que usa uma capa vermelha com capuz; Branca de Neve que tem a pele branca como a neve; Bela Adormecida que é enfeitiçada e adormece por cem anos. Desse modo, o leitor pode identificar-se com o personagem mais facilmente. O leitor consegue projetar-se no personagem, tomando emprestada sua personalidade durante a narração de sua história.

Os contos de fadas, então, utilizam-se de “ferramentas psicológicas” para otimizar seu encanto sobre o leitor, tornando-se sempre atuais e fascinantes.

EROTISMO

Na mitologia grega, o deus do amor é Eros. Seu nome provém de *érasthai* ou “desejar ardentemente”. Esse desejo consiste no desejo de união, de composição.

Aristófanes, um dos convidados d’ O Banquete, de Platão, conta o mito da origem do homem e da mulher e de Eros.

Diz ele que, na origem, a humanidade era composta por três sexos: o masculino, o feminino e o andrógino. Os andróginos eram dotados de órgãos duplos. Possuindo formas redondas, tinham quatro mãos, quatro pernas, dois órgãos de geração, duas faces e uma só cabeça com quatro orelhas. O ser masculino era descendente de Hélios (o sol), o feminino, de Géia (a terra) e o andrógino, por sua vez, de Selene (a lua). A forma esférica de seus corpos correspondia à forma dos astros, seus progenitores, e fazia deles seres extremamente ágeis, além de fortes, robustos e audaciosos. Um dia, tomados por grande presunção, esses seres resolveram escalar os céus e atacar os deuses. Zeus, embora enfurecido com tamanha audácia, não podia eliminá-los, pois, assim, destruiria o gênero humano, privando os deuses de seus cultos. Resolveu então enfraquecê-los, dividindo-os ao meio. Após a bipartição, mandou Apolo virar-lhes os rostos para o lado em que havia sido feita a incisão. A partir de então cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando encontravam suas partes correspondentes, abraçavam-se e entrelaçavam-se de modo tão ávido, o que correspondia a um desejo de unirem-se novamente para sempre. Então, nasceu Eros, o desejo de voltar à forma original.

Assim, o impulso erótico é a busca pela condição original, pura e perfeita, o reencontro, a reunificação.

No mito em que se conta a história de Eros (Anexo 2), quando este foi descoberto por Psiqué, com quem vivia como esposo misterioso, abandonou-a e voou para muito longe. Psiqué, inconformada, sai em uma busca incessante pelo amor perdido. Eros torna-se, então, não apenas o que é buscado, mas a própria busca. É, mais uma vez, a busca pela plenitude, pela totalidade.

Eros, portanto, encarnando a busca pelo pleno, é reprimido no mundo cristão que condena a sexualidade e a rotula como pecado. Sendo assim, a busca erótica só deve ser entrevista enquanto meio de se cumprir as leis naturais – a procriação. Se os impulsos eróticos caminharem para além disso, serão, por conseguinte, considerados viciosos e muito perigosos.

O erotismo, no entanto, não foi dessacralizado em todas as culturas. Algumas culturas orientais, especialmente a hindu, têm o erotismo e a religiosidade em uma relação íntima.

Como exemplo, pode-se mencionar o *Kama sutra*, um tratado sobre o amor, um exemplo do vínculo estreito entre a sexualidade e a espiritualidade. Foi escrito para um público nobre, por Vatsyayana, um membro da nobreza da Índia, em alguma época entre 100 e 400 d.C. Escrito originalmente em sânscrito, está inserido na concepção de mundo da religião hindu. Seus ensinamentos, embora tenham como objetivo máximo o prazer, visam, em primeiro lugar, à elevação espiritual do homem, em sua trajetória religiosa.

O termo *Kama* significa amor, prazer, satisfação. É um dos três sustentáculos da religião hindu. Os outros são *Dharma* e *Artha*. *Dharma* é o mérito religioso e *Artha*, a aquisição de riquezas e bens.

Os hindus acreditavam que aquele que praticasse *Dharma*, *Artha* e *Kama*, sem se tornar escravo das paixões, conseguiria êxito em todos os seus empreendimentos. Em outras palavras, deve-se desfrutar as riquezas e os prazeres sexuais sem jamais perder a virtude religiosa.

Naquela época, o nobre típico hindu levava uma vida de luxo ocioso e tinha bastante tempo livre para se dedicar, se assim o desejasse, ao aprendizado e ao aperfeiçoamento das habilidades sociais, sexuais e artísticas descritas em livros como o *Kama Sutra*.

Ainda que não segreguem o erotismo e a religiosidade, essas culturas orientais não deixam de exercer repressão sexual. O *Kama sutra* mesmo impõe severas proibições sexuais, especialmente em relação à mulher, que, na atitude que lhe toca, deve submissão diante do seu senhor polígamo.

Contudo, mesmo com leis rígidas sobre a sexualidade, as culturas do Oriente, em geral, não tiraram de Eros seu caráter sagrado. Ao contrário da cultura cristã, que supervaloriza o espírito em detrimento do corpo.

Sacralizado ou condenado, Eros expõe a lição deixada a Psiqué: “*os caminhos para a intimidade com Eros não podem ser percorridos sob as luzes do conhecimento, as tão proclamadas luzes da razão. Talvez eles devam ser trilhados no escuro, com as habilidades dos cegos que não enxergam, mas tateiam, apalpam, percebem*” (Branco, p. 101).

O SÍMBOLO E A LINGUAGEM SIMBÓLICA

Fromm define a linguagem simbólica como *“uma língua em que as experiências íntimas, os sentimentos e pensamentos são expressos como se fossem experiências sensoriais, fatos do mundo exterior”* (p. 14). Essa linguagem, ao contrário daquela usada no cotidiano, que segue uma lógica apoiada no espaço e no tempo, é orientada pela intensidade e pela associação.

O símbolo, então, é a ferramenta usada para a exteriorização daquilo que se encontra dentro, ou seja, um pensamento ou sentimento. Três espécies de símbolos são distinguidos – convencional, accidental e universal. O primeiro é o mais familiar; mas somente os outros apresentam elementos da linguagem simbólica.

O símbolo convencional é aquele usado na linguagem cotidiana. Os nomes dados aos objetos, pessoas, lugares, por exemplo, são símbolos convencionais. Ao ouvir ou ler uma palavra já basta para se saber a que ela se refere. Quando se ouve a palavra “caneta”, por exemplo, sabe-se que se trata de um objeto usado para escrever, desenhar, marcar. Essa relação entre a palavra – e ela não é a única que pode desempenhar o papel de símbolo convencional – e o objeto é feita por todos aqueles que dominam o mesmo idioma.

O símbolo accidental, por outro lado, trata-se de uma referência particular. A relação entre o símbolo e o que é simbolizado depende da experiência individual de cada um. Um mesmo símbolo pode simbolizar diversas coisas. Uma mesma canção pode ser símbolo de alegria para um, enquanto que para outro somente traz lembranças de sofrimento. O símbolo accidental, então, não é compartilhado por mais que um indivíduo, a não ser que haja uma explicação prévia sobre este símbolo.

Por fim, o símbolo universal é aquele que não se restringe ao individual, como o accidental, nem a um grupo que partilha da mesma convenção (o idioma, por exemplo). Ele é adotado por todos os homens, já que as experiências mental e física são as mesmas. Fenômenos físicos são bons exemplos de símbolo universal. O fogo transmite a idéia dominante de energia e força. Mas também pode carregar significados diferentes conforme o contexto. Se o fogo é controlado, como em uma lareira, pode simbolizar conforto e aconchego. Se está num incêndio desastroso, simboliza destruição e desespero. Mas, sempre sendo compartilhado por todos, independente de experiências pessoais ou cultura.

Freud e Jung apresentam conceitos diferentes para símbolo. Símbolo, no conceito freudiano, é a representação camuflada do que está reprimido no inconsciente. O processo de simbolização acontece como resultado do conflito entre a censura e as pulsões reprimidas. Por outro lado, conforme a concepção junguiana, “(...) *são a expressão de coisas significativas para as quais não há, no momento, formulação mais perfeita*” (Silveira, p. 71). Aqui, a formação de símbolo refere-se a uma ação mediadora numa inclinação inconsciente de totalização.

Na concepção freudiana ou junguiana, a linguagem simbólica se faz presente também nos contos de fadas, permitindo leituras além do que aparece à primeira vista.

LENDO OS CONTOS

Apoiando-se na lição de Eros dada à Psiquê e então, considerando que o caminho para os domínios de Eros deve ser percorrido longe da claridade da luz, mas sim tateando e sentindo sob uma cortina escura, os contos de fadas podem carregar o mesmo ensinamento.

Sob um enredo inocente e maravilhoso, os contos de fadas podem esconder símbolos que remetem ao erotismo, E, em se tratando de Eros, os contos devem então usar de sutileza e insinuações apenas e não um discurso explícito e direto. Pelo menos, não os contos na forma conhecida nos dias atuais que foram reformulados para se adequarem aos padrões morais da época de sua coleta e sua publicação.

Chapeuzinho Vermelho

Era uma vez uma menininha aldeã, a mais linda que já se viu. A sua mãe era louca por ela, e a sua avó, mais louca ainda. A boa mulher, sua avó, lhe fizera um chapeuzinho vermelho que lhe caía tão bem, que, por onde quer que ela passasse, era chamada de Chapeuzinho Vermelho.

Certo dia, tendo feito bolos, sua mãe lhe disse:

_ Vá ver como a sua avó tem passado, pois me disseram que ela está doente, e lhe leve esse bolo e esse potinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho foi logo à casa da avó, que morava numa outra aldeia.

Quando passava por um bosque, encontrou o compadre lobo, que teve muita vontade de comê-la, mas não ousou, porque havia alguns lenhadores na floresta. Perguntou-lhe aonde ia ela. A pobre criança, que não sabia que era perigoso deter-se para escutar um lobo, disse-lhe:

_ Vou ver a minha avó, e levar-lhe um bolo com um potinho de manteiga que a minha mãe lhe manda.

_ Ela mora longe? _ perguntou-lhe o lobo.

_ Oh, sim! _ disse Chapeuzinho Vermelho. _ Mora depois daquele moinho que se avista lá ao longe, bem longe, na primeira casa da aldeia.

_ Então, eu também vou vê-la _ disse o lobo. _ Vou por este caminho e você vai pelo outro, e veremos quem chega primeiro.

O lobo começou a correr, o mais que podia, pelo caminho mais curto, e a menininha foi pelo mais longo, divertindo-se em colher nozes, em correr atrás das borboletas, e em fazer ramalhetes com as florzinhas que encontrava.

O lobo não tardou a chegar à casa da avó, e bateu à porta: toc, toc.

_ Quem é

_ É a sua netinha, Chapeuzinho Vermelho _ disse o lobo, disfarçando a voz _ e lhe trago um bolo e um potinho de manteiga que mamãe lhe manda.

A ingênua avó, que estava de cama porque se sentia um pouco adoentada, gritou-lhe:

_ Puxe a tranca e a porta se abrirá.

O lobo puxou a tranca e a porta se abriu. Atirou-se sobre a velhinha e a devorou num átimo, pois há mais de três dias ele não punha nada na boca.

Em seguida, fechou a porta, e foi deitar-se na cama da avó, aguardando Chapeuzinho Vermelho, que, algum tempo depois, veio bater à porta: toc, toc.

_ Quem é?

Chapeuzinho Vermelho, num primeiro momento, teve medo ao ouvir a voz grossa do lobo, mas depois achou que era só um resfriado, e respondeu:

_ É a sua netinha, Chapeuzinho Vermelho, que lhe traz um bolo e um potinho de manteiga que mamãe lhe manda.

O lobo lhe gritou, suavizando um pouco a voz:

_ Puxe a tranca e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou a tranca e a porta se abriu.

O lobo, ao vê-la entrar, disse-lhe, escondendo-se na cama debaixo do cobertor:

_ Ponha o bolo e o potinho de manteiga em cima do armário e venha deitar-se comigo.

Chapeuzinho Vermelho tirou a roupa, deitou-se na cama, e ficou muito surpresa ao ver como a sua avó era quando estava só com roupa de baixo. Disse-lhe:

_ Que braços compridos tem, vovó!

_ São para abraçá-la melhor, minha netinha.

_ Que pernas compridas tem, vovó!

_ São para correr melhor, minha menina.

_ Que orelhas grandes tem, vovó!

_ São para escutar melhor, minha menina.

_ Que olhos grandes tem, vovó!

_ São para vê-la melhor, minha menina.

_ Que dentes grandes tem, vovó!

_ São para comê-la.

E, ao dizer tais palavras, o lobo mau se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

MORALIDADE

Percebemos aqui que as criancinhas,
Principalmente as menininhas
Lindas, boas, engraçadinhas,
Fazem mal de escutar a todos que se cercam,
E que de modo algum estranha alguém,
Se um lobo mau então as coma, e bem.
Digo lobo, lobo em geral,
Pois há lobo que é cordial,
Mansinho, familiar e até civilizado,
Que, gentil, bom, bem educado,
Persegue as donzelas mais puras,
Até à sua casa, até à alcova escura;
Quem não sabe, infeliz, que esses lobos melosos,
Doas lobos todos são os bem perigosos?

(Perrault, p. 67-73.)

* * *

Era uma vez uma doce menininha que conquistava o amor de todos que a conheciam, mesmo de quem só a havia visto uma vez. Ela tinha uma velha avozinha que lhe desejava tudo de bom, de tanto que a amava. Certa vez, a avó lhe mandou um pequeno manto com um capuz de veludo vermelho que lhe caiu tão bem que ela ganhou o apelido de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, sua mãe a chamou e disse: "Venha cá, Chapeuzinho. Quero que vá visitar a sua avó e leve um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para ela, pois está

muito fraca e isso vai lhe fazer bem. Mexa-se e apronte-se antes que o tempo fique quente demais, e vá direito pelo seu caminho, comporte-se bem e com discrição; e não corra para não cair e quebrar a garrafa, senão a sua avó vai ficar sem vinho. E quando passar pela vila, não se esqueça de fazer uma mesura e dizer 'bom dia' para todos os conhecidos”.

"Vou fazer tudo que está me dizendo, mamãe", disse a criança, ao se despedir e sair para sua longa jornada.

Da vila até a casa da avó, era uma boa meia hora de caminhada pelo mato, e mal Chapeuzinho Vermelho havia entrado no bosque, encontrou um lobo.

Chapeuzinho não sabia o animal perverso que ele era, e não lhe teve o menor medo.

"Bom dia, Chapeuzinho Vermelho", disse o lobo.

"Bom dia, senhor", replicou a menininha, fazendo uma mesura.

"Onde está indo tão cedo, Chapeuzinho Vermelho?", ele perguntou.

"Visitar minha avozinha, senhor", ela respondeu. "Ontem mamãe assou e me mandou levar um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para ela porque está doente, e isso vai deixá-la mais forte e fazer-lhe bem."

"Onde mora a sua avozinha, Chapeuzinho Vermelho?"

"A cerca de meia milha daqui, pela mata. Sua casa fica debaixo de três carvalhos grandes, perto das sebes de nozes; é bem fácil de reconhecer", disse Chapeuzinho Vermelho.

Ao ouvir isso, o lobo pensou: "Esta coisinha delicada seria um doce petisco para mim afinal, e seria mais saborosa do que sua velha avó, mas não mataria minha fome. Vou ter de comer as duas."

Então ele caminhou calmamente ao lado de Chapeuzinho Vermelho até chegarem num trecho da mata onde cresciam muitas flores.

"Olha, Chapeuzinho Vermelho", disse ele, "que lindas flores brotam por aqui. Não gostaria de descansar e colher algumas? Não ouve com que doçura os passarinhos cantam? Você está andando com tanta pressa como se estivesse indo para a escola, e aqui no bosque é muito mais agradável."

Chapeuzinho olhou então em volta e viu os raios brilhantes do sol dançando por entre as árvores e iluminando as lindas flores que cresciam ao seu redor, e pensou: "Se

eu levar um ramalhete de flores frescas para minha avozinha, ela vai ficar muito contente. Ainda é cedo e tenho tempo de sobra.”

Assim, ela saiu de seu caminho e entrou no bosque para colher flores. E depois de colher algumas, viu outras ainda mais bonitas mais adiante, e assim foi andando mais e mais longe penetrando nas profundezas da mata.

Enquanto isso, o lobo foi direto para a casa da avó e bateu à porta.

“Quem é?”

“Chapeuzinho Vermelho”, respondeu o lobo, imitando a voz da menina. “Mamãe me mandou trazer um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a senhora. Abra a porta.”

“Levante o trinco e entre”, ela replicou. “Estou fraca demais para me levantar.”

Aí o lobo levantou o trinco, abriu a porta e depois entrou correndo, saltou sobre a pobre e velha avozinha e a devorou. Em seguida ele fechou a porta, vestiu a camisola e a touca da velha, e deitou-se na cama à espera de Chapeuzinho Vermelho.

Depois de Chapeuzinho Vermelho colher todas as flores que podia carregar, achou rapidamente o caminho de volta e caminhou apressada até a casa da avó, e bateu à porta.

“Quem é?”, perguntou o lobo, tentando imitar a avó. Sua voz era tão áspera, porém, que Chapeuzinho teria ficado assustada se não soubesse que a avó estava resfriada.

Ela então respondeu:

“É Chapeuzinho Vermelho. Mamãe mandou um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho para a senhora.”

“Levante o trinco e entre”, disse o lobo.

Aí Chapeuzinho Vermelho levantou o trinco e entrou.

Quando viu a avó, como pensava, deitada na cama, foi até ela e abriu as cortinas, mas só pôde ver a cabeça porque o lobo havia puxado a touca o mais que podia por cima do rosto.

“Bom dia”, disse ela, sem receber resposta. Então se aproximou da cama e gritou: “Puxa, vovó, que orelhas tão grandes a senhora tem!”

“São para melhor te ouvir, minha querida”, disse o lobo.

“E que olhos tão grandes a senhora tem!”

“São para melhor te ver, minha querida.”

“Mas vovó, que mãos grandes a senhora tem!”

“São para melhor te abraçar, minha querida.”

“Mas vovó, que dentes grandes a senhora tem!” exclamou Chapeuzinho Vermelho, que estava começando a ficar assustada.

“São para melhor te devorar!”, exclamou o lobo, e saltando da cama, agarrou a pobre Chapeuzinho Vermelho e a engoliu de uma só bocada.

Tendo saciado a fome, o lobo deitou-se na cama e pôs-se a roncar tão alto que podia ser ouvido do lado de fora.

Um caçador que havia saído a caçar com a sua espingarda, estava passando por ali e pensou: “Como ronca essa velha! Vou entrar e ver o que está acontecendo.”

Então ele entrou no quarto e quando se aproximou da cama, viu o lobo deitado.

“Ora, ‘seu’ velho pecador”, disse o caçador, “não é que finalmente te encontrei? Estou te procurando há muito tempo, Senhor Lobo.”

Ele já ia erguendo a espingarda quando deu pela falta da velha e imaginando que o lobo a poderia ter engolido, lembrou-se de que ainda era possível salvá-la. Resolveu então não atirar e, pegando uma tesoura, abriu o estômago do lobo adormecido.

Qual não foi a sua surpresa quando ele viu o rosto sorridente de Chapeuzinho Vermelho espiar para fora ao primeiro corte, e quando o abriu mais, ela saltou para fora exclamando:

“Puxa, fiquei tão assustada. Estava terrivelmente escuro no estômago do lobo!”

Depois eles ajudaram a velha avozinha, que estava viva e intata, a sair, mas ela mal conseguia respirar. Quando o lobo acordou, era tarde demais para salvar a própria vida. Ele caiu de novo na cama e morreu, e o caçador arrancou a sua pele. Depois disto, todos se sentaram, muito contentes, beberam o vinho e comeram o bolo que Chapeuzinho Vermelho havia trazido, e depois o caçador levou a menininha sã e salva para casa.

“Puxa”, pensou ela, “nunca mais sairei de meu caminho para andar pelo mato quando minha mãe me proibir.”

Conta-se que certa vez depois disso, quando Chapeuzinho Vermelho estava mais uma vez a caminho da casa de sua avó com alguns petiscos que sua mãe havia

preparado, outro lobo conversou com ela e tentou convencê-la a afastar-se de seu caminho.

Mas Chapeuzinho Vermelho estava prevenida, e seguiu em frente, sem parar, até a casa da avó.

“Puxa, vovó”, disse ela, “encontrei um lobo que me desejou ‘bom dia’, mas ele me olhou com olhos tão malvados que se eu não estivesse na estrada estou certa de que me teria devorado.”

“É possível que ele venha até aqui”, disse a avó. “Vamos trancar a porta e deixá-lo do lado de fora.”

E de fato, logo depois o lobo chegou à porta e bateu, gritando: “Abra a porta, vovó. Sou o Chapeuzinho Vermelho trazendo bolo e vinho para a senhora”. Mas as duas ficaram em silêncio e a porta não foi aberta.

O velho e astuto patife ficou rondando então a casa até que saltou para cima do telhado para esperar que Chapeuzinho Vermelho saísse para voltar para casa, ao anoitecer. Aí ele poderia agarrá-la no escuro e devorá-la.

Mas a avó adivinhou o que ia pela sua cabeça. Ora, havia, perto da casa, um grande cocho de pedra, e ela disse para a menina:

“Chapeuzinho, cozinhei uma grande lingüiça ontem. Despeje a água onde ela foi cozida no cocho de pedra.”

Chapeuzinho Vermelho despejou a água da panela de cobre no cocho até ele ficar bem cheio e o cheiro da lingüiça chegar até o focinho do lobo. Ele cheirou, cheirou, e olhou para baixo, esticando de tal forma o pescoço que perdeu o equilíbrio e caiu do telhado dentro do grande cocho cheio de água, e se afogou. Chapeuzinho Vermelho voltou salva e contente para casa, naquela noite, e ninguém tentou magoá-la no caminho.

(Grimm, p. 267-270)

Falando sobre Chapeuzinho Vermelho

A história que mais inspira a interpretações alicerçadas em solo erótico é “Chapeuzinho Vermelho”.

A primeira versão literária dessa história foi apresentada por Charles Perrault, em 1697. No entanto, a adaptação assinada pelos Irmãos Grimm é a que mais agrada ao

público. Ao contrário de Perrault que deixa a heroína ser violentamente devorada pelo lobo, os Grimm salvam a menina e sua avó por intermédio de um caçador que, abrindo o estômago do lobo com uma tesoura, tira as duas de lá.

O lobo, em ambas as versões, é uma metáfora que se refere ao homem sedutor, de forma explícita ou indireta. O personagem carrega ainda outros significados, dentre eles, o símbolo de devorador. Aqui, esse contexto remete ao mito grego de Cronos¹ que devora seus filhos. Representando o tempo, Cronos pode também ser visto como aquele que devora a juventude dos homens.

No enredo de “Chapeuzinho Vermelho”, nota-se que, utilizando-se de uma falsa cordialidade, o lobo consegue fazer com que a menina ignore a orientação da mãe – “... e vá direto pelo seu caminho, comporte-se bem e com discrição; e não corra para não cair e quebrar a garrafa...” – e desvie de seu caminho. Na leitura de Fromm, a advertência da mãe traduz o alerta da possibilidade da perda da pureza, quebrando a garrafa de vinho – representando a garrafa a virgindade – desviar-se do caminho e descobrir o que deveria permanecer desconhecido.

Guiada pelo princípio do prazer, Chapeuzinho Vermelho se distrai colhendo flores e correndo atrás de borboletas – que trazem a idéia de metamorfose – enquanto o lobo segue para a casa da avó.

Aqui, cabe a interpretação de Bettelheim que diz que, ao indicar a morada da avó, a menina deseja eliminar a figura materna que aquela representa e, assim, poder entregar-se ao lobo, que desempenha o papel paterno, compondo, então, o Complexo de Édipo, descrito por Freud.

O capuz vermelho dado à menina pela avó tem na cor a representação do sangue, do amor, da libido, do erótico. Retomando a ligação entre o lobo e Cronos, pode-se sugerir que o lobo venha devorar a infância da menina que, iniciando a adolescência, encontra-se em confronto com a sexualidade adulta.

Esse mesmo capuz, na interpretação de Bettelheim, simboliza a transferência da sexualidade da avó para a menina.

¹ Cronos é o deus da mitologia grega cujo nome significa “O Tempo”. É filho de Urano, o Céu, e Gaia, a Terra, e é casado com Rhea. Ocupou o trono do pai, mas Gaia profetizou que ele seria destronado por um filho; assim, ele devorava os filhos logo que nasciam; mas quando nasceu Zeus, Rhea deu a Cronos, no lugar de Zeus, uma pedra envolta em cueiros. Então, o menino cresceu em uma caverna da ilha de Creta, amamentado pela cabra Amaltea. Em um ano tornou-se o mais forte dos deuses e destronou o pai, ocupando seu lugar e cumprindo com a profecia de Gaia.

“(...) é fatal para a jovem a mulher mais velha abdicar de seus próprios atrativos para os homens e transferi-los para a filha, dando-lhe uma capa vermelha tão atraente”

“O capuz de veludo vermelho que a avó dá para Chapeuzinho Vermelho pode então ser encarado como símbolo de uma transferência prematura da atração sexual, que, além disso, é acentuada pelo fato de a avó estar velha e doente, demais até para abrir a porta”

(Bettelheim, p. 209)

Na versão que mais se aproxima da original contada pelos camponeses (anexo 3), não há capuz. Sendo assim, essa transferência se dá quando a menina come a carne e bebe o sangue da avó, elementos estes oferecidos pelo lobo que, nessa versão, não a devora, mas a mata, colocando seu sangue em uma garrafa e cortando sua carne em fatias.

Ainda nessa mesma versão há a clarividência de um gato – símbolo de sagacidade e engenhosidade – que prevê o fim da menina pelas palavras: “menina perdida! Comer a carne e beber o sangue de sua avó!”.

Na versão dos Grimm, Chapeuzinho Vermelho e a avó são salvas por um caçador que passava próximo à cabana. Abrindo a barriga do lobo, que se encontrava adormecido, o caçador tira a menina e a velha senhora de lá, colocando no lugar, montes de pedras – símbolo de esterilidade. O lobo - é punido e ridicularizado pelo fato de ter usurpado o papel de mulher grávida, visto que manteve dois seres vivos em sua barriga por alguns momentos.

Na versão apresentada pelos camponeses, no diálogo final entre a menina e o lobo, que se encontra na cama da avó, o corpo masculino e imponente é moldado pelas inocentes perguntas da menina. E antes da ladainha da suposta avó, quase que num *striptease*, a menina questiona sobre o que deve fazer com suas roupas, ao que o lobo responde sempre: “Jogue no fogo. Você não vai mais precisar dela”. Assumindo o símbolo de iniciação, o fogo dá a sugestão do desejo masculino e a possível consequência das insinuações da menina.

Dessa forma, o final apresentado por Perrault, apesar de não ser aquele esperado pelo público, é o que parece satisfazer mais aos personagens: Chapeuzinho Vermelho é “devorada”, como insinuou desde o início desejar, e o lobo saciou sua “fome”, devorando-a.

A Bela Adormecida

Era uma vez um rei e uma rainha que não tinham filhos e muito se lamentavam por isto. Certo dia em que a rainha passeava à beira do rio, um peixinho levantou a cabeça de dentro da água e disse: “Seu desejo será realizado e em breve terá uma filha”. A previsão do peixinho logo se realizou e a rainha teve uma menininha tão linda que o rei não se cansava de olhar para ela de tanta alegria. O rei ordenou, então, a realização de uma grande festa, para a qual ele convidou não só seus parentes, amigos e vizinhos, mas também todas as fadas para que pudessem ser boas e compassivas com sua filhinha. Mas havia treze fadas em seu reino e ele só tinha doze pratos de ouro para servi-las, por isso foi obrigado a deixar uma das fadas sem convite. As outras vieram e, ao final da festa, cada uma ofereceu seu dom mais precioso à princesinha: uma deu-lhe a virtude, outra a beleza, outra riquezas, e assim por diante até ela ter tudo que era excelente no mundo. Quando onze delas já a haviam abençoado, a décima terceira, que estava furiosa por não ter sido convidada, chegou decidida a vingar-se exclamando, “Quando a filha do rei completar quinze anos, ela se ferirá num fuso e cairá morta”. Então, a décima segunda fada, que ainda não havia concedido o seu dom, avançou e disse que o perverso desejo teria de se cumprir, mas que ela o atenuaria e a filha do rei não morreria, porém ficaria adormecida durante cem anos.

Mas o rei, querendo salvar a filha querida da calamidade ameaçada, ordenou que todos os fusos do reino fossem trazidos e destruídos. Enquanto isso, todos os dons das fadas se cumpriram, pois a princesa era tão bela, bem comportada, gentil e sábia que todos que a conheciam a amavam. Aconteceu então, que no dia em que ela completou quinze anos o rei e a rainha não estavam em casa. Como estava sozinha no palácio, ela saiu perambulando por todo o local, espiando em todos os quartos e salas até chegar, finalmente, a uma velha torre alcançada por uma escada estreita que terminava numa portinha. Na porta havia uma chave de ouro e, quando ela a girou, a porta se abriu; e no interior do quartinho estava uma velha entretida em fiar. “Ora vejam, mãezinha”, disse a princesa, “o está fazendo aqui?” “Fiando”, disse a velha fazendo um aceno com a cabeça. “Como esta coisinha gira bonito!”, disse a princesa pegando um fuso e começando a fiar. Mal tinha encostado no fuso, porém, a profecia se cumpriu e ela caiu, sem vida, no chão.

Não estava morta; caíra num sono profundo. E o rei e a rainha, que tinham acabado de voltar para casa com toda sua corte, caíram no sono também; e os cavalos

dormiam nos estábulos, e os cães no pátio, e os pombos no telhado e as moscas nas paredes. Até mesmo o fogo do fogão parou de crepitar e adormeceu; e a carne que estava assando ficou parada; e a cozinheira, que naquele exato momento estava arrastando um ajudante de cozinha pelo cabelo pra lhe dar um puxão de orelha por alguma coisa que ele fizera de errado, largou-o, e ambos caíram no sono. E assim tudo ficou paralisado, em sono profundo.

Uma grande cerca viva de espinheiros logo cresceu ao redor do palácio e a cada ano foi ficando mais alta e espessa até cercar e ocultar todo o palácio, de tal forma que nem mesmo o telhado ou as chaminés podiam ser vistos. Mas correu, por toda a região, a notícia da Bela Adormecida e, de tempos em tempos, muitos filhos de reis vinham tentar atravessar o matagal cerrado até o palácio. Mas nunca conseguiram, pois os espinhos e arbustos se agarravam neles como se tivessem mãos, e ali se enredavam e morriam miseravelmente.

Depois de muitos e muitos anos, chegou à região o filho de um rei, e um velho contou-lhe a estória do matagal de espinheiros, como existia um lindo palácio por trás dele onde uma maravilhosa princesa chamada Bela Adormecida estava adormecida com toda sua corte. Contou-lhe, também, como ouvia seu avô narrar, que muitos e muitos príncipes haviam tentado atravessar o matagal, mas tinham ficado enredados e morreram. O jovem príncipe disse então, “Nada disso vai me assustar; eu entrarei e verei Bela Adormecida”. O velho tentou dissuadi-lo, mas ele persistiu em sua idéia.

Ora, naquele mesmo dia completavam-se os cem anos, e quando o príncipe chegou no matagal, viu apenas belos arbustos fluorescentes através dos quais dói passando sem dificuldade, mas que se fechavam às suas costas depois de ele passar. Finalmente, o jovem príncipe chegou ao palácio e ali, no pátio, estavam os cachorros dormindo, e os cavalos nos estábulos, e sobre o telhado pousavam as pombas adormecidas com as cabeças enfiadas debaixo das asas. E quando entrou no palácio, as moscas dormiam sobre as paredes, e a cozinheira ainda estava com a mão erguida como se fosse bater no garoto, e a criada estava sentada com uma ave negra na mão pronta para ser depenada.

Ele seguiu em frente e tudo estava tão silencioso que podia ouvir a própria respiração, até que finalmente chegou à velha torre e abriu a porta do quartinho onde estava Bela Adormecida. Ali estava ela mergulhada em sono profundo; e lhe pareceu tão bela que ele não conseguiu desviar o olhar, e inclinando-se, beijou-a. Mas no momento em que a beijou, ela abriu os olhos e despertou, sorrindo para ele. Então,

saíram juntos e o rei e a rainha também despertaram, assim como toda a corte, e eles se entreolhavam cheios de admiração. Os cavalos se levantaram e se sacudiram; os cães saltaram e latiram; os pombos tiraram as cabeças debaixo das asas e olharam ao redor e voaram para os campos; as moscas sobre as paredes voaram zumbindo; na cozinha, o fogo ardeu cozinhando o jantar enquanto a carne assada recomeçava a girar; a cozinheira deu um puxão de orelha no garoto, que gritou, e a criada seguiu depenando a ave. E celebrou-se então o casamento do príncipe com Bela Adormecida e lês viveram felizes para sempre.

(Grimm, p. 43-45)

* * *

Era uma vez um rei e uma rainha que estavam tão aborrecidos por não terem filhos, mas tão aborrecidos, que seria impossível dizê-lo. Iam a todas as estações de águas do mundo: faziam promessas, peregrinações, preces, tentavam de tudo, mas nada dava resultado. No entanto, a rainha acabou por engravidar, e deu à luz uma menina. O batizado foi uma festa linda, ímpar. A princesa teve por madrinhas todas as fadas da região (encontraram-se sete), para que, por meio de cada dom concedido por elas, como era o costume das fadas naqueles tempos, a princesinha tivesse todas as perfeições imagináveis.

Após as cerimônias do batismo, a comitiva voltou ao palácio real, onde havia um grande banquete oferecido às fadas. Diante de cada uma foi posto um magnífico talher, num estojo de ouro maciço, cravejado de diamantes e rubis, em que havia uma colher, um garfo e uma faca de puro ouro.

Mas quando todos tomavam lugar à mesa, surgiu uma fada velha que não havia sido convidada porque fazia mais de cinquenta anos que se trancara numa torre e todos a julgavam morta ou encantada. O rei ordenou que lhe dessem um talher, mas não foi possível dar-lhe um estojo de ouro maciço, como às outras, porque só haviam sido encomendados sete, para as sete fadas. A velha achou que a desprezavam, e grunhiu algumas ameaças entredentes.

Uma das jovens fadas que estava perto dela a ouviu, e julgando que poderia conceder algum dom nefasto à princesinha, foi, assim que todos deixaram a mesa,

esconder-se atrás da tapeçaria, para ser a última a falar, na esperança de reparar, na medida do possível, o mal que a velha pudesse ter em mente fazer.

Então, as fadas começaram a ofertar os dons à princesa. A mais nova lhe concedeu o dom de ser a mais bela pessoa do mundo, a seguinte, o de ter o espírito de um anjo, a terceira, o dom da graça admirável em tudo o que fizesse, a quarta, o de dançar perfeitamente bem, a quinta, o dom de cantar como um rouxinol, e a sexta, o de tocar todos os tipos de instrumentos com a máxima perfeição. Quando chegou a vez da fada velha, esta disse, balançando a cabeça mais por despeito do que por velhice, que a princesa espetaria a mão no fuso de uma roca de fiar e que disso morreria.

Essa terrível predição fez todos tremerem, e não houve quem não chorasse. Nisso, a jovem fada saiu detrás da tapeçaria, e disse alto e bom som:

- Fiquem tranquilos, rei e rainha, a princesa não morrerá disso. É verdade que não tenho poder o bastante para desfazer por completo o que a minha precedente fez. A princesa espetará a mão num fuso, mas, em vez de morrer, mergulhará num sono profundo por cem anos. Ao fim desse tempo, o filho de um rei virá despertá-la.

Todavia, o rei, na tentativa de evitar a desgraça anunciada pela fada velha, mandou de imediato publicar um edital que proibia, sob pena de perder a vida, a posse e o uso de rocas de fiar.

Ao fim de quinze ou dezesseis anos, tendo o rei e a rainha ido a uma das suas casas de campo, aconteceu de a jovem princesa percorrer todos os recônditos do castelo, subindo de cômodo em cômodo, até chegar a uma torre, em cujo topo encontrou um sótão miserável, onde uma velha fiava sozinha na roca. A boa mulher não sabia da proibição do rei, pois morava ali havia anos e nunca ouvira falar disso.

- O que está fazendo, senhora? – perguntou-lhe a princesa. - Estou fiando, linda menina – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.

- Ah! Como é bonito! – retomou a princesa. - Como faz? Mostre-me para que eu faça tão bem quanto a senhora.

Não poderia ter pego o fuso mais rápido, de tão viva que era, além de ser um pouco estabana, como, aliás, o determinava o decreto das fadas. Logo espetou a mão e caiu sem sentidos.

A velha, aflitíssima, grita por socorro; vêm pessoas de todos os lados; lançam água no rosto da princesa; desapertam-lhe as roupas, esfregam-lhes as têmporas com água da rainha da Hungria;⁴ mas nada a fazia voltar a si.

Então o rei, que subiu ao ouvir o tumulto, lembrou-se da predição das fadas, e julgando que aquilo tinha de acontecer e nada havia a fazer, mandou acomodar a princesa no mais lindo aposento do palácio, numa cama com bordados de ouro e prata. Parecia um anjo, de tão linda que era, pois o desmaio não lhe tirara as cores vivas da tez: o rosto estava corado e os lábios da cor do coral, só os olhos é que estavam fechados, mas respirava tranqüilamente, o que demonstrava que não morrera. O rei deu ordem para que a deixassem dormir em paz, até que a hora do seu despertar chegasse.

A boa fada, que lhe salvara a vida condenando-a dormir por cem anos, estava no reino de Mataquino, a doze mil léguas de distância, quando se dera o incidente com a princesa; porém, ela foi avisada num instante por um anãozinho, que tinha botas seteléguas (que percorriam sete léguas com uma só passada). A fada partiu logo, e viram-na chegar numa carruagem de fogo, puxada por dragões. O rei foi oferecer-lhe a mão para que descesse.

A boa fada aprovou tudo o que ele fizera, mas como era muito previdente, pensou que quando a princesa despertasse, ficaria muito desnorteada, sozinha naquele velho castelo. Então fez o seguinte: tocou com a varinha tudo o que estava no castelo (com exceção do rei e da rainha), governantas, damas de honra, camareiras, gentishomens, empregados, chefes de cozinha, cozinheiros, aprendizes de cozinheiros, copeiros, mensageiros, guardas, porteiros, pajens, lacaios; e também todos os cavalos que estavam nas estrebarias com os cocheiros, os grandes mastins de galinheiros, e a pequena Puffe, a cachorrinha da princesa, que não lhe saía de ao pé da cama. Num passe de mágica, todos adormeceram para só virem a despertar no mesmo instante que a sua senhora, e prontos para servi-la quando ela precisasse; até mesmo os espetos, que estavam no fogo cheios de perdizes e faisões, adormeceram, bem como o próprio fogo. Tudo isso se deu num instante; as fadas faziam rápido o seu trabalho.

Então, o rei e a rainha, depois de beijarem a filha querida sem que ela despertasse, saíram do castelo, e proibiram, a quem quer que fosse, aproximar-se do palácio. O que não era necessário, pois em quinze minutos, cresceram, em torno do parque, tantas árvores, grandes e pequenas, sarças e espinhos entrelaçados, que animal algum, homem algum, poderia passar, de modo que não se via nada além do topo das torres do castelo, ainda que se ficasse a grande distância. Não se duvidou de que aquilo era obra da boa fada, para que a princesa, enquanto dormisse, não tivesse nada a temer dos curiosos.

Cem anos depois, o filho do rei que então reinava, e que não pertencia à família da princesa adormecida, foi caçar para aqueles lados, e perguntou o que seriam aquelas torres que ele via acima de um grande e denso bosque. Cada um lhe respondeu de acordo com o que ouvira falar. Alguns diziam que era um velho castelo para onde os espíritos voltavam; outros que todos os feiticeiros da região ali praticavam o sabá. A opinião mais comum era a de que um ogro morava no castelo, e que para lá levava todas as crianças que conseguia pegar, para poder comê-las à vontade, e sem que o pudessem seguir, e que ele era o único que tinha o poder de atravessar o bosque.

O príncipe não sabia em quê acreditar, quando um velho camponês tomou a palavra, e lhe disse:

- Meu príncipe, faz mais de cinquenta anos que ouvi de meu pai que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que deveria dormir por cem anos, e que o filho de um rei, a quem estava destinada, a despertaria.

O jovem príncipe, a tais palavras, se inflamou; tinha a firme convicção de que poria fim àquela belíssima aventura, e impulsionado pelo amor e pela glória, resolveu, de imediato, ver o que lá se passava. Assim que se dirigiu para o bosque, todas aquelas árvores enormes, aquelas sarças, aqueles espinhos se separaram para dar-lhe passagem: ele foi em direção ao castelo que vislumbrava no fim de um grande caminho, onde entrou, e o que o surpreendeu um pouco foi ver que ninguém o pudera seguir, porque as árvores se haviam juntado assim que ele passara. No entanto, prosseguiu: um príncipe jovem e apaixonado é sempre valente.

Entrou num grande pátio onde tudo o que viu diante de si era de meter medo: um silêncio horrível, a imagem da morte por toda parte, corpos de homens e animais estendidos como se estivessem mortos. No entanto, percebeu, pelo nariz cheio de espinhas e o rosto corado dos porteiros, que eles apenas dormiam, e as suas taças, em que ainda havia algumas gotas de vinho, mostravam que eles haviam adormecido enquanto bebiam.

Passa por um grande pátio com piso de mármore, sobe a escada, entra na sala dos guardas, todos enfileirados, de baionetas ao ombro, e roncando a valer. Atravessa vários cômodos cheios de gentis-homens e damas, todos adormecidos, uns de pé, outros sentados; entra num quarto todo dourado, e vê numa cama, de cortinas entreabertas, o mais belo quadro que ele jamais vira: uma princesa que parecia ter quinze ou dezesseis anos, e cujo brilho resplandecente tinha algo de luminoso e divino. Aproximou-se, trêmulo e admirado! e ajoelhou-se aos seus pés.

Então, findo o encanto, a princesa despertou; e olhando para ele com os olhos mais ternos do que ver uma pessoa pela primeira vez parece permitir, disse:

- É você, meu príncipe? Eu o esperei tanto!

O príncipe, encantado com essas palavras, e mais ainda com a maneira pela qual eram ditas, não sabia como expressar-lhe a sua alegria e o seu reconhecimento; garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo. Falou desajeitadamente, mas as suas palavras agradaram muito; pouca eloquência, muito amor. Estava mais embaraçado do que ela, e isso não causa surpresa alguma; ela tivera tempo de sonhar com o que teria a dizer-lhe, pois parece (embora a história não o diga) que a boa fada, durante o tão longo sono, lhe proporcionara sonhos agradáveis. Enfim, fazia quatro horas que eles conversavam, e ainda não haviam dito metade do que tinham a se dizer.

No entanto, todo o palácio havia despertado com a princesa; todos haviam sonhado que cumpriam as suas tarefas, e como nem todos estavam apaixonados, acordaram mortos de fome; uma das damas de honra, atarantada como os demais, perdeu a paciência, e disse bem alto à princesa que a carne estava servida. O príncipe ajudou a princesa a se levantar, ela estava toda vestida, e magnificamente, mas ele teve o cuidado de dizer-lhe que embora estivesse trajada "como a minha avó", com um colarinho de renda, nem por isso estava menos bela.

Passaram para a sala dos espelhos, onde lhes foi servida a ceia; os violinos e os oboés tocaram velhas peças, porém excelentes, embora fizesse mais de cem anos que ninguém as tocava; e depois da ceia, sem perder tempo, o capelão-mor os casou na capela do castelo, e a dama de honra fechou a cortina do leito nupcial: dormiram pouco, a princesa não necessitava muito de repouso, e o príncipe a deixou assim que amanheceu para voltar à cidade, pois o pai devia estar preocupado com ele.

O príncipe lhe disse que se perdera na floresta enquanto caçava e que dormira na cabana de um carvoeiro, que lhe oferecera pão preto e queijo. O rei seu pai, que era um homem bom, acreditou, porém a mãe não ficou persuadida, e vendo que ele ia quase todos os dias caçar, e que sempre tinha uma desculpa na ponta da língua quando passava duas ou três noites fora, não teve mais dúvidas de que se tratava de um namorico: ele viveu com a princesa assim mais de dois anos inteiros, e eles tiveram dois filhos, tendo o primeiro, que era uma menina, recebido o nome de Aurora, e o segundo, um menino, o de Dia, porque parecia ainda mais belo do que a irmã.

A rainha pediu várias vezes ao filho que se lhe explicasse, que devia levar a vida regrada, mas ele não tinha a coragem de lhe confiar o seu segredo; temia-a, embora a

amasse, pois ela era da raça dos ogros, e o rei só a desposara pelos seus grandes bens; dizia-se até mesmo na Corte, em surdina, que tinha a inclinação dos ogros, e que toda vez que via criancinhas, era a duras penas que conseguia conter-se; por isso, o príncipe jamais quis contar-lhe nada.

Mas quando o rei morreu, fato sucedido dois anos depois, ele se viu senhor e declarou publicamente o seu casamento, trazendo, com pompa e circunstância, a esposa ao castelo. Fizeram-lhe uma recepção magnífica na cidade principal, onde ela entrou seguida dos filhos.

Passado um tempo, o novo (já não era tão jovem assim) rei foi guerrear com o imperador Cantalabuto, seu vizinho. Deixou a rainha-mãe como regente do reino, e lhe recomendou muito a esposa e os filhos: deveria ficar guerreando por todo o verão, e assim que ele partiu, a rainha-mãe mandou a nora e os seus filhos para uma casa de campo na floresta, para poder saciar mais facilmente a sua horrível vontade.

Alguns dias depois, ela mesma foi para lá e, certa noite, disse ao cozinheiro:

- Amanhã, no jantar, quero comer a pequena Aurora. - Ah, não, senhora! - disse o cozinheiro.

- Eu quero - disse a rainha, e o disse num tom de ogra com vontade de comer carne fresca. - E quero comê-la ao molho Roberto

O pobre homem, sabendo perfeitamente que não se devia discutir com uma ogra, pegou o facão e subiu ao quarto da pequena Aurora: tinha então quatro anos, e veio, pulando e rindo, lançar-se-lhe ao pescoço, e pedir-lhe balas. Ele começou a chorar, deixou o facão cair, e foi, resoluto, até o viveiro degolar um cordeirinho, que preparou com um molho tão bom que a patroa lhe garantiu que nunca havia comido nada igual. Entrementes, ele pegara a pequena Aurora e a dera à sua mulher para que esta a escondesse na casa que eles tinham atrás do galinheiro.

Oito dias depois, a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Ele não replicou; decidido a enganá-la como da outra vez, foi buscar o pequeno Dia, e o encontrou empunhando um pequeno florete, com o qual duelava com um grande macaco; no entanto, tinha só três anos. Levou-o à esposa, que o escondeu com a pequena Aurora, e pôs no lugar do pequenino Dia um cabritinho bem macio, que a ogra achou admiravelmente bom.

Tudo estava dando certo, mas certa noite a malvada rainha disse ao cozinheiro:

- Quero comer a rainha com o mesmo molho com que comi os seus filhos.

Então, o pobre cozinheiro se desesperou, pois não sabia como poderia enganá-la. A jovem rainha já passava dos vinte anos, sem contar os cem que dormira: tinha a pele um pouco dura, apesar de linda e branca; e como encontrar um animal tão duro assim?

Resolveu, para salvar a própria vida, degolar a rainha, e subiu ao seu quarto, decidido a dar um só golpe; tentava enfurecer-se, e entrou de punhal na mão no quarto da jovem rainha. Porém, não quis surpreendê-la, e contou-lhe com muito respeito a ordem que recebera da rainha-mãe.

- Cumpra o seu dever – disse-lhe ela -, oferecendo-lhe o pescoço. - Execute a ordem que lhe deram; vou rever os meus filhos, os meus pobres filhos que tanto amei (ela os julgava mortos desde que os haviam levado sem lhe dizerem nada).

- Não, não, senhora – respondeu-lhe o pobre cozinheiro todo comovido -, não morrerá, e não deixará de rever os seus queridos filhos, mas isso acontecerá na minha casa, onde os escondi, e eu vou enganar a rainha de novo, fazendo-a comer uma jovem corça no seu lugar.

Levou-a imediatamente à sua casa, onde ela se pôs a beijar e chorar com os filhos, enquanto ele próprio foi preparar uma corça, que a rainha comeu na ceia, com o mesmo apetite com que teria comido a jovem rainha. Estava muito contente com a sua crueldade e preparava-se para dizer ao rei, quando ele voltasse, que os lobos enraivecidos haviam comido a rainha sua esposa e os seus dois filhos.

Certo dia, quando passeava, como de costume, pelos pátios e pelos viveiros da casa de campo para farejar alguma carne fresca, ouviu, na casa que ficava atrás do galinheiro, o pequeno Dia aos prantos, pois a rainha sua mãe queria vergastá-lo porque ele fora desobediente, e ouviu também a pequena Aurora pedindo clemência para o irmão. A ogra reconheceu a voz da rainha e dos seus filhos, e, furiosa por ter sido enganada, ordenou no dia seguinte, assim que amanheceu, com voz assustadora que fazia todos tremerem, que trouxessem para o meio do pátio um caldeirão, e que o enchessem de sapos, víboras, cobras e serpentes, para que nele fossem lançados a rainha e os seus filhos, bem como o cozinheiro, a sua esposa e a empregada desta: determinara que os trouxessem com as mãos amarradas nas costas.

Estavam lá, e os carrascos se preparavam para lançá-los ao caldeirão, quando o rei, que não era esperado tão cedo, entrou no pátio a cavalo; viera às pressas, e perguntou, apavorado, o que significava aquele horrível espetáculo; ninguém ousava

responder-lhe, quando a ogra, enraivecida por ver o que via, se atirou de cabeça no caldeirão, sendo devorada num instante pelos bichos asquerosos que ela própria mandara pôr lá dentro. É claro que o rei ficou triste: ela era a sua mãe; mas logo se consolou com a sua bela esposa e os seus filhos.

MORALIDADE

Esperar por um tempo um bom e rico esposo,
Galante, encantador, garboso,
É coisa bastante vulgar,
Porém, esperar por um século, e dormente,
Moça igual não se pode achar,
Que durma tão tranqüilamente.

OUTRA MORALIDADE

A fábula deseja apenas nos mostrar,
Que do hímen amiúde os nós tão delicados,
Não deixam de ser bons, ainda que adiados,
Que espere quem se quer casar;
Mas as mulheres, sempre a arder,
Aspiram à fé conjugal,
Que eu não tenho coragem, nem poder
De lhes pregar esta moral.

(Perrault, p.45-63)

Falando sobre A Bela Adormecida

Essa história também conta com versões de Perrault e dos Irmãos Grimm, além de outra, mais antiga, de Giambattista Basile – Sol, Lua e Tália – de 1636 (anexo 4). Esta versão conta com temas bastante turbulentos. Primeiro, há o estupro – o rei viola a princesa durante seu sono. Isso já implica em adultério, já que o rei tinha uma esposa. Soma-se a este fato o canibalismo que aparece na intenção da rainha, no desejo de se vingar da traição do rei, de oferecer ao rei a carne de seus próprios filhos, gerados dessa aventura extraconjugal. Esse foi o tema que, para Perrault, pareceu menos berrante e, desta maneira, mantido em sua versão. Mas, para os Grimm, nem mesmo isso permaneceu.

Na história assinada pelos Grimm, a profecia sobre a tão desejada criança é anunciada por uma rã, que tem várias ligações simbólicas com a fertilidade. Conforme Jung, as rãs, com seu coaxar, anunciam a chegada da primavera, a fartura da natureza e, com isso, o desejo sexual erótico. A crença na significação que carrega esse tipo de animal fazia com que, nos tempos antigos, fossem usados amuletos para atrair o amor e provocar a fecundidade.

Movida pela curiosidade, a princesa explora lugares desconhecidos – que podem ser interpretados como a masturbação, a “auto-exploração” – quando se encontra sozinha – assim como acontece na masturbação, que é experimentada quando se está sozinho – caracterizando aqui a fase fálica descrita por Freud. Ela segue, assim, em direção a um quarto trancado e escondido, que segundo a leitura de Bettelheim, representa os órgãos sexuais femininos. Para que se tenha acesso a esse quarto, é preciso subir uma escada, e, ao chegar ao destino final, realizar o giro da chave na fechadura – símbolo da cópula.

A velha a fiar no fuso – carregando a imagem do tecer novas vidas, a atividade feminina – tem a função de instruir a princesa “*Iniciar-se na arte de fiar significaria, simbolicamente, iniciar-se na vida sexual*” (Silveira, p. 125). Essa iniciação, contudo, é o que desencadeia a maldição, o castigo. É aqui que a princesa cai em um sono profundo, a própria repressão da sexualidade feminina. “*Note-se que a heroína do conto adormece na data em que completa 15 anos, marco da vida de toda jovem, indicativo de que ela se tornou apta para a procriação*” (idem, p. 124).

Após espetar o dedo na agulha do fuso – lembrando que este é o símbolo da capacidade de gerar vida, tecer vida – provoca-se o sangramento, representando aqui o fluxo menstrual e reforçando, então, a idéia da gestação de vida. Em seguida, o sono

prolongado dará à maturação biológica o tempo necessário para que ela se estenda também ao emocional.

Durante cem anos, a princesa permanece adormecida, protegida das tentações que a vida incita, especialmente da vida sexual adulta. Nesse período, muitos tentam chegar a ela para despertá-la. Tantos esforços são em vão, pois todos acabam por padecerem na floresta de espinhos, como se fossem avisados de que o despertar do sexo antes da mente e do corpo estarem prontos seja algo extremamente destrutivo.

Portanto, no momento oportuno, todos os obstáculos, até então intransponíveis, são vencidos, já que príncipe e princesa, especialmente depois de longa espera (maturação), estão, enfim, preparados para o amor, emocional e físico.

A Pequena Sereia

Além, no mar longínquo, a água é azul como as folhas da azul centáurea, pura como o mais transparente vidro, mas tão profunda que até seria inútil lançar-lhe a âncora, e seria necessário empilhar uma quantidade infinda de torres de igrejas, umas sobre as outras, para medir a distância desde o fundo à superfície.

É lá que mora o povo do mar. Mas não acredite que essas profundezas se componham só de areias brancas; não, ali crescem plantas e árvores jamais vistas, e tão flexíveis, que o menor movimento da água as faz agitar como se estivessem vivas. Todos os peixes, grandes e pequenos, vão e vêm entre os galhos como pássaros no ar. No local mais profundo fica o castelo do rei do mar, cujos muros são de coral, as janelas de belo âmbar amarelo, e o teto de conchas que se abrem e fecham para receber a água ou para a repelir. Cada concha contém brilhantes pérolas, dentre as quais a menor honraria a coroa de uma rainha.

Fazia vários anos que o rei do mar enviuvava, e a sua mãe, velhinha, tomava conta do castelo. Era mulher de espírito forte, mas tão ciosa da sua posição, que trazia na cauda doze ostras, enquanto as demais, igualmente grandes, não traziam mais do que seis. Ela era merecedora de elogios pelos cuidados que prodigalizava às suas seis netas, todas elas princesas encantadoras. No entanto, a mais nova era ainda mais linda do que as outras; tinha a pele suave e diáfana qual uma pétala de rosa, os olhos azuis como uma lagoa profunda; porém não tinha pés, e assim como as irmãs, o seu corpo terminava numa cauda de peixe.

Cada princesa tinha, no jardim, o seu terreno particular, que podia cultivar a seu bel-prazer. Uma lhe dava o formato de baleia, outro o de sereia; a mais nova, porém, fez o seu redondo como o sol, e nele só plantou flores vermelhas como o astro-rei. Tratava-se de uma criança estranha, silenciosa e pensativa. Enquanto as suas irmãs brincavam com os diferentes objetos que provinham dos navios naufragados, ela se divertia a ajeitar uma bonita estatueta de mármore, colocada debaixo de um magnífico chorão cor de rosa, e que representava um encantador rapazinho; a planta a recobria com uma sombra violeta.

O maior prazer da pequena sereia era ouvir relatos sobre o mundo em que vivem os homens. Sempre implorava à avó que lhe falasse a respeito de cidades, homens e animais. Admirava-se, acima de tudo, do fato de que, sobre a terra, as flores exalassem um perfume que elas não têm sob a água do mar, e de que as florestas fossem verdes. Não conseguia imaginar como os peixes podiam cantar e subir. j saltitar sobre as árvores. É que a avó chamava peixes aos passarinhos, sem o quê não se poderia fazer entender.

-Quando você tiver quinze anos -disse a avó -, eu lhe darei - permissão para subir à superfície do mar e sentar-se, ao luar, nos rochedos, para ver passar os grandes navios e conhecer as florestas e as cidades.

No ano seguinte, a primeira das irmãs ia completar quinze anos, e, como não era mais de um ano a diferença entre cada irmã, a mais nova tinha ainda que esperar cinco anos para sair do fundo do mar. Mas uma prometia sempre à outra fazer-lhe o relato das maravilhas que tivesse visto quando da sua primeira saída, porque a avó jamais falava o suficiente, e havia tantas coisas que elas ardiam de curiosidade de saber!

E a mais curiosa era com certeza a mais nova que, por vezes, à noite, se punha perto da janela aberta, procurando penetrar o olhar através da espessura da água azul que os peixes batiam com as nadadeiras e a cauda. Pôde ver a lua e as estrelas, mas estas lhe pareciam de todo pálidas e consideravelmente avolumadas pela água.

Quando alguma nuvem negra as escondia, sabia que se tratava de uma baleia ou de um navio carregado de homens que flutuava acima dela. É claro que esses homens nem pensavam que uma encantadora pequena sereia estendia abaixo deles as suas mãos brancas na direção da quilha.

Chegou o dia em que a primeira princesa completou os seus quinze anos, e subiu à superfície do mar.

Na volta, tinha mil coisas para contar:

- Oh! -dizia ela. - É delicioso de ver, estendida à luz da lua num banco de areia, no meio do mar calmo, as orlas da grande cidade onde as luzes brilham como centenas de estrelas, ouvir a música harmoniosa, o som dos sinos das igrejas, e todo aquele rumor de homens e de carros!

Oh, como a sua irmãzinha a escutava atentamente! Todas as noites, em pé, com a janela aberta, a olhar através da enorme massa de água, ela sonhava com a cidade grande, com o seu ruído e as suas luzes, e acreditava ouvir soarem os sinos ali pertinho dela.

O ano seguinte, a segunda das irmãs obteve permissão para subir. Tirou a cabeça da água no momento em que o sol tocava o horizonte, e a magnificência desse espetáculo a arrebatou ao extremo.

-O céu inteiro - dizia ela, à sua volta - parecia ouro, e a beleza das nuvens estava além de tudo o que se pode imaginar. Passaram diante de mim, vermelhas e violetas, e, no centro delas, voava em direção ao sol, como um longo véu branco, um bando de cisnes selvagens. E eu também quis nadar direto ao astro-rei vermelho, mas ele desapareceu logo, e o rosado fulgor que tingia a superfície do mar, assim como as nuvens, bem cedo se esvaíram.

Depois chegou a vez da terceira irmã. Era a mais audaciosa, tanto que transpôs o curso de um volumoso rio. Viu admiráveis colinas repletas de vinhas, com castelos e propriedades situados no meio de magníficas florestas. Ouviu o canto dos pássaros, e o ardor do sol forçou-a a mergulhar por várias vezes na água para refrescar o corpo. Numa baía, encontrou uma multidão de pequenos seres humanos que brincavam a banhar-se. Quis brincar com eles, que se esquivaram, bastante assustados, e um animal negro - tratava-se de um cão - pôs-se a ladrar tão terrivelmente que ela se tomou de medo e voltou na hora para o mar. Porém, jamais pôde esquecer as magníficas florestas, as verdes colinas e as graciosas crianças que sabiam nadar, apesar de não terem cauda de peixe.

A quarta irmã, menos afoita, gostou muito mais de ficar no meio do mar selvagem, de onde a vista alcançava diversos lugares, e onde o sol rondava sobre a água, qual um grande sino. De longe, ela avistava os navios, não maiores do que as gaivotas, os golfinhos brincalhões a fazer piruetas, e as baleias colossais a lançar jatos de água.

A vez da quinta irmã chegou, e o seu dia calhou de ser exatamente em pleno inverno: tanto que viu o que as outras ainda não haviam podido ver. Tinha o mar um tom esverdeado, e por toda parte nadavam, com formas estranhas, brilhando como diamantes, montanhas de gelo.

- Cada uma delas - dizia a viajante - assemelha-se a uma pérola mais volumosa do que as torres de igreja que os homens constroem.

Ela se sentou numa das maiores, e todos os navegadores fugiam daquele lugar onde ela soltava a sua comprida cabeleira ao sabor do vento. Ao fim da tarde, uma tempestade cobriu o céu de nuvens negras, os rios luziram, rugiu o trovão, enquanto o mar, negro e agitado, levantando grandes pedaços de gelo, fazia-os brilhar com o estrondo afogueado dos raios. Todas as velas foram arriadas, o terror espalhou-se por toda parte, mas ela, tranqüilamente sentada na sua montanha de gelo, viu cair o raio em ziguezague sobre a luzente água.

A primeira vez que uma das irmãs saía da água, sempre ficava encantada com todas as coisas que via; mas uma vez adulta, quando podia gozar do lazer, o encanto desaparecia, e cada qual dizia ao fim de um mês que embaixo tudo era bem mais agradável e que nada valia mais do que estar em casa.

De vez em quando, à tarde, as cinco irmãs, de braços dados, subiam assim à superfície da água. Tinham vozes encantadoras como nenhuma criatura humana, e, se por azar qualquer tormenta lhes fazia crer que algum navio ia afundar-se, elas nadavam diante dele e entoavam cânticos magníficos sobre a beleza do fundo do mar, convidando os marinheiros a visitá-las. Mas estes não podiam compreender as palavras das sereias, e não viram jamais as magnificências que elas celebravam, pois tão logo o navio era submerso, os homens se afogavam e somente os seus cadáveres chegavam ao castelo do rei do mar.

Durante a ausência das suas cinco irmãs, a mais nova, deixada só ao pé da janela, as seguia com os olhos, e tinha vontade de chorar. Mas uma sereia não tem lágrimas, e o seu coração sofre demais.

"Oh! Se eu tivesse quinze anos!, pensava. Já sinto como gostaria do mundo lá de cima e dos homens que o habitam."

Enfim, chegou o dia em que ela completou quinze anos.

- Vai partir - disse-lhe a avó, a velha rainha. - Venha que eu hei de fazer a sua toalete, como a fiz às suas irmãs.

E lhe pôs nos cabelos uma coroa de lírios brancos, de que cada pétala era a metade de uma pérola, e amarrou na cauda da princesa oito grandes ostras para distinguir a sua alta categoria. - Como me machucam! - disse a pequena sereia.

- Se quer ficar bem vestida, tem que sofrer um pouco - replicou a velha rainha.

No entanto, a neta rejeitaria, com muito gosto, todo aquele luxo e a grande coroa que lhe pesava sobre a cabeça. As flores vermelhas do seu jardim lhe agradavam muito mais, porém não ousou fazer quaisquer observações.

- Adeus! - disse, e leve qual uma bolha de sabão, atravessou a água.

Quando a sua cabeça veio à tona, na água do mar, o sol acabara de se pôr, mas as nuvens ainda brilhavam como as rosas e o ouro, e a estrela da tarde resplandecia no meio do céu. O ar estava suave e fresco, o mar calmo. Perto da pequena sereia, havia um navio de três mastros. Não exibia mais do que uma vela, dada a calmaria, e os marujos estavam sentados nas vergas do cordame. A música e as cantigas soavam sem parar, e à aproximação da noite acendeu-se um sem-número de lanternas multicoloridas. Pendurados nas cordas, parecia que viam todas as casas de todas as nações. A pequena sereia nadou até à janela da grande câmara, e, a cada vez que a água soer- guia, ela vislumbrava, através dos vidros transparentes, uma multidão de homens magnificamente trajados. O mais belo dentre eles era um jovem príncipe, de longos cabelos negros, de cerca de dezesseis anos, e era para celebrar a festa do seu aniversário que se realizavam todos aqueles preparativos.

Os marujos dançavam na ponte, e, quando o jovem príncipe lá apareceu, cem foguetes subiram ao céu, espalhando uma luz como a do dia. A pequena sereia teve medo e mergulhou na água, mas logo voltou, e então todas as estrelas do céu pareceram chover sobre ela. Jamais tinha visto fogos de artifício como aqueles, grandes sóis se reviravam, peixes de fogo fendiam o ar, e o mar, por inteiro, resplandecia puro e calmo. Podia-se ver sobre o navio cada corda- me, por menor que fosse, e, melhor ainda, os homens. Oh! Como era belo o jovem príncipe! Ele apertava a mão de todos, falava e sorria a cada qual, enquanto a música mandava para a noite os seus harmoniosos sons.

Já era tarde, mas a pequena sereia não pôde deixar de admirar a nave e o belo príncipe. As lanternas já não brilhavam, e os tiros de canhão haviam cessado; todas as velas foram uma a uma soltas e a nave singrou rapidamente a água. A princesa a seguiu, sem desviar por um instante os olhos da janela. Mas bem depressa o mar começou a agitar-se, as ondas cresciam, e grandes nuvens negras se amontoavam no

céu. Ao longe, rebrilhavam os raios, uma tremenda tempestade se armava. A embarcação balançava sobre o impetuoso mar, em marcha rápida. As vagas, semelhantes a altas montanhas, logo a faziam rolar entre elas como um cisne, e logo a erguiam à tona. A pequena sereia, a princípio, divertiu-se de ver essa viagem acidentada, mas, tão logo a nave, sofrendo violentos abalos, começou a estar, e quando, de uma vez, o mastro se quebrou feito uma vara de junco, e o barco pendeu para um lado, enquanto a água invadia o porão, ela compreendeu o perigo e achou que devia, ela própria, cuidar das vigas e dos restos que se desprendiam do todo.

Em alguns momentos, formava-se uma tal escuridão, que ela não viu absolutamente nada; em outros, os relâmpagos lhe tornavam visíveis os mínimos detalhes da cena. A agitação no navio atingiu o ápice: mais uma sacudida! e se fendeu por completo. Ela viu que o jovem príncipe estava a ser engolido pelo profundo mar. Num transporte de felicidade, achou que ele iria descer à sua morada. Porém, lembrou-se de que os homens não podem viver na água, e que, portanto, o jovem chegaria morto ao castelo do pai dela. Então, para o salvar, atravessou a nado por entre as vigas e pranchas esparsas sobre o mar, com o risco de se ferir, mergulhou fundo na água repetidas vezes, e foi assim que chegou até o jovem príncipe, no momento em que as forças o abandonavam, e em que ele fechava os olhos, prestes a morrer. A pequena sereia o agarrou, susteve-lhe a cabeça acima da água, e depois se abandonou com ele ao capricho das ondas.

Na manhã seguinte, o bom tempo voltou, mas nada restava do navio! Um sol avermelhado, de raios penetrantes, parecia querer chamar de novo a vida às faces do príncipe, mas os olhos dele ainda se mantinham fechados. A sereia pousou um beijo no rosto do jovem e recompôs-lhe os cabelos molhados. Achou-o semelhante à estátua de mármore do seu pequeno jardim, e fez votos pela sua saúde. Passou diante da terra firme, coberta de altas montanhas azuis, em cujos topos brilhava a neve branca. Pelo sopé da encosta, no meio de uma esplêndida floresta verde, situava-se uma aldeia onde havia uma igreja ou um convento. Nas cercanias, elevavam-se grandes palmeiras, e nos jardins, viam-se laranjeiras e limoeiros. Não longe dali, formava o mar um pequeno golfo que se prolongava até um rochedo de saibro fino e branco. Foi naquele lugar que a sereia acomodou o príncipe, tendo o cuidado de lhe manter a cabeça erguida e de a expor aos raios do sol.

Logo os sinos da igreja começaram a soar, e uma multidão de mocinhas apareceu num dos jardins. A pequena sereia, nadando, afastou-se, e escondeu-se atrás de umas grandes pedras para poder ver o que aconteceria ao pobre príncipe.

Algum tempo depois, uma das mocinhas passou diante dele; a princípio, ela pareceu assustar-se, mas logo se tranqüilizou, correu à procura de outras pessoas que proporcionaram ao príncipe todo tipo de cuidados. A sereia o viu recobrar os sentidos e sorrir a todos os que o cercavam; só a ela é que ele não sorriu, ignorando quem o tinha salvo. Por isso, quando o viu ser conduzido a uma casa grande, ficou tristíssima e voltou ao castelo do seu pai.

Sempre fora silenciosa e pensativa, porém a partir desse dia ficou ainda mais. Perguntaram-lhe as irmãs sobre o que vira lá acima, mas ela nada lhes contou. Por mais de uma vez, noite e dia, ela voltou ao lugar em que tinha deixado o príncipe. Viu amadurecerem as frutas do jardim, viu derreter-se a neve em cima das montanhas, todavia não viu o príncipe, e sempre voltava mais triste para o fundo do mar, onde o seu único consolo era sentar-se no seu jardimzinho e estreitar nos braços a linda estatueta de mármore que se parecia com o príncipe, enquanto as suas flores, mal cuidadas e esquecidas, cresciam desmesuradamente, invadiam as ruelas como num lugar selvagem, entrelaçando os seus ramos nos galhos das árvores, até impedir que a luz entrasse.

Por fim, essa vida se lhe tornou insuportável; contou tudo a uma das irmãs, que depressa o contou às outras, porém somente a elas, e a algumas outras sereias que só o repetiram às amigas íntimas. Ocorreu que uma das últimas, tendo visto também a festa celebrada no navio, conhecia o príncipe e sabia o local onde se situava o seu remo.

- Venha, irmãzinha - disseram-lhe as outras princesas, e passando, entrelaçadamente os braços sobre os ombros umas às outras, subiram em fila à superfície do mar e chegaram diante do castelo do príncipe.

Este era feito de pedras amarelas e brilhantes; grandes escadas de mármore levavam ao interior e ao jardim; várias cúpulas douradas luziam sobre o telhado, e, entre as colunas das galerias, viam-se estátuas de mármore, que pareciam vivas. As salas, magníficas, eram ornadas de cortinas e tapetes inigualáveis, e as paredes, cobertas de suntuosos quadros. No grande salão, o sol reaquecia, através de um forro de cristal, as mais raras plantas, que, cresciam numa grande bacia, debaixo de vários jatos de água.

Desde então, a pequena sereia retornou por várias vezes a esse local, tanto à noite como de dia: aproximava-se da encosta e chegava à ousadia de assentar-se sob o grande

balcão de mármore que projetava sombra bem adiante e sobre as águas. Dali, via ela, ao luar, o jovem príncipe, que julgava estar só. Muitas vezes, ao som da música, ela o via passar num rico batel embandeirado, e olhava para ele timidamente entre os caniços verdes e se o vento agitava o seu longo véu prateado, e se alguém via isso, acreditava que era um cisne a abrir as asas.

Também escutava os pescadores falarem muito bem do jovem príncipe, e então se rejubilava de lhe haver salvado a vida, ainda que ele a ignorasse por completo. A sua simpatia pelos homens aumentava a cada dia e também a cada dia ela queria chegar-lhes perto. O mundo deles lhe parecia muito mais vasto do que o seu; eles sabiam transpor o mar nos navios, subir às altas montanhas para além das nuvens; gozavam de imensas florestas e campos verdejantes. As irmãs dela não lhe podiam satisfazer a curiosidade, e então ela questionou a sua velha avó, que bem conhecia o mundo lá do alto, aquele a que ela chamava, adequadamente, mundo acima do mar.

- Se os homens não se entediam - perguntou a jovem princesa -, será que vivem eternamente? Não morrem, como nós?

- Sem dúvida - respondeu-lhe a velha -, eles morrem, e a sua existência é até mesmo mais curta do que a nossa. Quanto a nós, vivemos por vezes trezentos anos. Depois, cessando de existir, nós nos transformamos em espuma, pois no fundo do mar não há túmulos para receber corpos inanimados. A nossa alma não é imortal, com a morte tudo acaba. Somos como os juncos verdes: uma vez cortados, não reverdecem jamais! Os homens, ao contrário, possuem alma eterna, que vive após o seu corpo se haver transformado em pó; a alma sobe através da sutileza do ar até às estrelas que brilham, e, da mesma forma que nós nos elevamos do fundo das águas para ver a terra dos homens, assim eles se elevam a deliciosos e imensos lugares, inacessíveis aos povos do mar.

- Mas por que também não temos a alma imortal? - perguntou, aflita, a pequena sereia. - Eu daria, com muito gosto, as centenas de anos que me restam para viver, em troca de ser humana, pelo menos por um dia, e participar, depois, do reino celeste.

- Não pense em semelhantes tolices - replicou a velha. - Nós somos muito mais felizes aqui embaixo do que os homens lá acima.

- Isso significa que, depois da morte, estou condenada a flutuar como espuma na água do mar. Não mais ouvirei o murmúrio das ondas, não mais verei as lindas flores nem o sol vermelho! Não há, portanto, nenhum meio para que eu possa adquirir alma imortal?

- Um somente, mas quase impossível. Seria necessário que um homem viesse a ter por você um amor infinito, que você se lhe tornasse mais querida do que o pai e a mãe dele. Então, preso a você pela alma e pelo coração, se ele unisse, por intermédio de um padre, a mão direita dele à sua, prometendo fidelidade eterna, a alma dele se comunicaria ao seu corpo, e então você seria admitida à bem-aventurança dos homens. Mas jamais tal coisa poderá ser feita! O que aqui, no mar, passa por grande beleza, a sua cauda de peixe, os da terra acham detestável. Pobres homens! Para serem belos, imaginam que lhes bastam dois grosseiros suportes, a que chamam pernas!

A pequena sereia suspirou com tristeza ao olhar para a sua cauda de peixe.

- Mas temos que nos contentar com o que nos foi destinado - disse a velhinha. - Vamos saltar e alegrar-nos o mais que pudermos durante os trezentos anos da nossa existência - é um tempo considerável, não? Esta noite haverá baile na corte.

Não se pode, na terra, fazer idéia de tamanha magnificência. O grande salão de baile era todo de cristal; milhares de conchas enormes, enfileiradas de cada lado, iluminavam o ambiente com luz azulada, que, através das paredes transparentes, clareavam também o mar. Lá se viam nadar inúmeros peixes, grandes e pequenos, cobertos de rútilas escamas, como a púrpura, o ouro e a prata.

No meio do salão, fluía um largo regato, e sobre ele dançavam os golfinhos e as sereias, ao som da sua própria voz, que era encantadora. A pequena sereia foi a que melhor cantou, e a aplaudiram tanto, que por um instante a satisfação lhe fez esquecer as maravilhas da terra. Mas logo lhe voltou a antiga tristeza, só de pensar no belo príncipe e na sua alma imortal. Deixou o cântico e os sorrisos, saiu de mansinho do castelo e foi sentar-se no pequeno jardim.

Lá, escutou o som dos corais que penetravam pela água.

"Eis quem passa, aquele a quem amo de todo o meu coração e de toda a minha alma, aquele que se apoderou de todos os meus pensamentos, e a quem eu gostaria de confiar a felicidade da minha vida! Arriscaria tudo por ele e para obter alma imortal. Enquanto as minhas irmãs dançam no castelo do meu pai, vou procurar a bruxa do mar, a quem sempre tive tanto horror até hoje. Ela poderá, talvez, dar-me conselhos e vir em minha ajuda.

E, saindo do jardim, dirigiu-se para o meio dos turbilhões ensurdecedores, atrás dos quais residia a bruxa. Jamais trilhara aquele caminho. Ali não crescia uma flor ou um caule de erva sequer. O leito de areia, cinzento, estendia-se até onde a água, igual às

rodas de um moinho, girava rapidamente sobre si mesma, envolvendo tudo o que pudesse açambarcar.

A princesa teve que atravessar esses terríveis turbilhões para chegar aos domínios da bruxa, cuja casa se erguia em meio a uma floresta estranha. Todas as árvores e moitas só eram pólipos, metade de animais, metade plantas, que pareciam serpentes com cem cabeças saindo da terra. Os galhos eram longos e pegajosos braços que terminavam por dedos em forma de vermes, em contínua agitação. Os ditos braços se enlaçavam a tudo que podiam, sem largar jamais a presa.

Tomada de medo, a pequena sereia queria retomar, mas, pensando no príncipe e na alma humana, armou-se de toda a sua coragem. Prendeu em volta da cabeça a sua longa cabeleira flutuante, para que os pólipos não a pudessem apanhar, cruzou os braços sobre o peito, e assim nadou, rápida como um peixe, por entre essas vis criaturas, cada uma das quais fechava, com liames de ferro, entre os braços, qualquer coisa que pudesse, fossem esqueletos brancos de naufragos, fossem remos, caixas ou carcaças de animais. Para cúmulo do pavor, a princesa viu uma criatura que enlaçava uma sereiazinha sufocada.

Por fim, chegou a uma clareira na floresta, onde grandes serpentes marítimas se reviravam exibindo os seus hediondos ventres amarelados. No meio da clareira ficava a casa da bruxa, construída com os ossos dos naufragos, e onde ela, sentada sobre uma grande fraga, dava de comer a um sapo, na sua mão, como os homens dão de comer açúcar aos canarinhos.

Chamava às horríveis serpentes seus franguinhos, e se divertia fazendo-as rebolar sobre o seu gordo e pegajoso peito.

- Sei o que quer - exclamou, ao perceber a princesa. - Os seus desejos são estúpidos, de maneira alguma eu me prestarei a atendê-los, pois sei que lhe trariam a infelicidade. Quer livrar-se da sua cauda de peixe, e substituí-la por duas dessas peças com as quais andam os homens, para que o príncipe se apaixone pela sua pessoa, a despose, e lhe conceda a alma imortal.

A essas palavras, soltou uma gargalhada assustadora, que fez cair no chão o sapo e as serpentes.

- Mas, mesmo assim, fez bem em vir. Amanhã, ao nascer do sol, já seria tarde, e lhe seria necessário ainda aguardar mais um ano. Vou preparar-lhe uma poção que você levará à terra ao crepúsculo. Sente-se na encosta e beba-a. Na hora, a sua cauda se retrairá e se desdobrará naquilo a que os homens chamam duas belas pernas. Mas

previno de que isso a fará padecer como se a cortassem com uma afiada espada. Todos lhe admirarão a beleza, e você manterá o andar ligeiro e gracioso, mas cada um dos seus passos lhe há de causar tanta dor como se andasse sobre pontas de alfinetes e lhe fará escorrer sangue. Se quiser suportar todo esse sofrimento, estou pronta a ajudá-la.

- Hei de suportá-lo! - disse a sereia, num tremor de voz, pensando no príncipe e na alma imortal.

- Mas lembre-se - continuou a bruxa - de que uma vez transformada em ser humano, jamais poderá voltar a ser sereia! Jamais tornará a ver o castelo do seu pai, e se o príncipe não esquecer pai e mãe, não se ligar a você de todo o coração e alma, ou se não puder fazer abençoar a sua união por um padre, você jamais terá a alma imortal. E no dia em que ele desposar outra mulher, você terá o coração partido e não será mais do que um bocado de espuma nas ondas.

- Estou de acordo - disse a princesa, pálida como a morte.

- Nesse caso - prosseguiu a bruxa -, também é necessário que me pague e eu não peço pouco. A sua voz é a mais bela dentre as criaturas do fundo do mar, e com ela você pensa que pode encantar o príncipe, mas é justamente a sua voz que eu exijo como pagamento. Quero o que tem de mais lindo em troca da minha preciosa poção, pois para torná-la bem eficaz, tenho que verter sobre ela o meu próprio sangue.

- Mas se me tira a voz - perguntou a pequena sereia -, o que me restará?

- A sua encantadora figura - respondeu a bruxa -, o seu andar, leve e gracioso, e os seus expressivos olhos: é o suficiente para quebrantar o coração de um homem. Vamos, coragem! Estenda a língua, que eu a corto, depois lhe dou a poção.

- Que seja! - respondeu a princesa, e a bruxa lhe cortou a língua. A pobre moça ficou muda.

Lá abaixo, a bruxa pôs o caldeirão no fogo, para fazer ferver a mágica bebida.

- O asseio é imprescindível- disse ela, apanhando um pacote de víboras para limpar o caldeirão. Em seguida, fazendo um talho no peito, deixou correr o próprio sangue negro para dentro do caldeirão.

De lá, saiu um espesso vapor, formando estranhas e horrendas figuras. A cada instante, a velha acrescia um novo ingrediente, e, quando a mistura fervia com grandes bolhas, produziu um som que se assemelhava ao gemido do crocodilo. Uma vez preparada, a poção se parecia com a água clara.

- Aqui está a poção - disse a bruxa, após tê-la vertido num frasco. - Se os pólipos quiserem apanhá-la, quando passar pela floresta, bastará atirar-lhes uma gota desta beberagem, e eles estourarão em mil pedaços.

Tal conselho fora inútil, já que os pólipos, avistando a bebida que brilhava na mão da princesa como uma estrela, recuaram de medo. Assim, ela atravessou a floresta e os ruidosos turbilhões.

Quando chegou ao castelo do pai, as luzes do grande salão de baile estavam apagadas. Com toda a certeza, todos dormiam, mas ela não ousou entrar. Perdera o dom da fala, e logo iria deixá-los para sempre. Parecia que o coração se lhe partia de tristeza. Foi, sem demora, ao jardim, colheu uma flor de cada canteiro das irmãs, enviou com a ponta dos dedos mil beijos ao castelo, e subiu para a superfície do mar.

O sol ainda não se tinha levantado quando ela avistou o castelo do príncipe. Sentou-se na encosta e bebeu a poção. Foi como se uma espada afiada lhe atravessasse o corpo. Desmaiou e ficou como morta.

Já o sol brilhava sobre o mar quando ela voltou a si, sentindo uma dor penetrante. Mas à sua frente estava o belo príncipe, que lançava sobre ela os seus olhos negros. A pequena sereia baixou os seus, e viu então que a cauda de peixe desaparecera, e que duas pernas brancas e graciosas a substituíam.

O príncipe lhe perguntou quem era ela e de onde vinha; ela o fitou com um aspecto suave e aflito, sem poder dizer sequer uma palavra. Depois o jovem a tomou pela mão e a conduziu ao castelo. Cada passo, como lhe dissera a bruxa, lhe causava dores atrozes, mas, pelo braço do príncipe, ela subiu a escada de mármore, leve qual uma bolha de sabão, e todos admiraram o seu gracioso andar. Vestiram-na com seda e musselina, sem poder admirar o suficiente a sua beleza. Ela, porém, permanecia muda.

Escravas vestidas de seda e ouro cantavam diante do príncipe as façanhas dos seus ancestrais. Cantavam bem e o príncipe as aplaudia, sorrindo para a mocinha.

"Se soubesse, pensou ela, que por ele eu sacrifiquei uma voz ainda mais bela!"

Após o canto, as escravas executaram uma graciosa dança ao som de encantadora música. Mas quando a pequena sereia se pôs a dançar, erguendo os alvos braços e equilibrando-se na ponta dos pés, quase sem tocar o chão, enquanto os seus olhos falavam ao coração melhor do que o cantar das escravas, todos ficaram extasiados. O príncipe disse que ela jamais o deixaria, e lhe permitiu dormir à sua porta num acolchoado de veludo. Toda a gente ignorava os sofrimentos pelos quais ela passava ao dançar.

No dia seguinte, deu-lhe o príncipe um traje de amazona, para que ela o acompanhasse a cavalo. Atravessaram assim as florestas perfumadas e galgaram as altas montanhas. Rindo-se, a princesa sentia sangrar os pés.

À noite, enquanto os outros dormiam, ela costumava descer às escondidas a escada de mármore e ficava nos degraus para refrescar os pés que ardiam, na água fria do mar, e a lembrança da sua pátria lhe vinha à mente.

Certa noite, ela vislumbrou as suas irmãs a darem-se as mãos. Cantavam tão tristemente a nadar, que a pequena sereia não pôde deixar de lhes acenar. Reconhecendo-a, contaram-lhe quanto desgosto ela lhes causara. Passaram a voltar todas as noites e, numa das vezes, levaram também a velha avó, que fazia muito anos não punha a cabeça fora d'água, e o rei do mar com a sua coroa de coral. Ambos estenderam as mãos à filha, mas não ousaram, como o fizeram as irmãs, aproximar-se da margem.

A cada dia o príncipe a amava mais e mais como se ama a uma filha boa e gentil, sem pensar por um segundo sequer em tomá-la por esposa. No entanto, para que tivesse a alma imortal e não se tornasse, um dia, espuma, o príncipe precisava casar-se com a pequena sereia.

- Não me ama mais do que a todas as outras? - era o que pareciam dizer os olhos da pobrezinha quando, tomando-a nos braços, ele lhe deu um beijo na lindíssima face.

- Com certeza - respondeu o príncipe -, porque você tem melhor coração do que todas as outras e me é mais devotada. Além disso, assemelha-se a uma jovem que eu um dia vi, mas que sem dúvida nunca mais voltarei a ver. Estando num navio que naufragou, fui lançado à terra pelas ondas, perto de um convento habitado por várias moças. A mais jovem delas me encontrou sobre a costa e me salvou a vida, porém só a vi duas vezes. Nunca no mundo eu poderia amar outra mulher. Mas você se parece com ela e, por vezes, até mesmo toma a sua forma na minha alma!

"Ai, ai!", pensou a pequena sereia, ele não sabe que fui eu que o carreguei através das ondas até o convento para o salvar. Ama ele uma outra? Porém, uma jovem encerrada num convento de lá não sai nunca mais, e quem sabe ele a esquece por mim, por mim que o amarei e lhe serei dedicada por toda a minha vida."

- O príncipe vai casar-se com a encantadora filha do rei vizinho - falou-se certo dia. - Está equipando um magnífico navio sob o pretexto de fazer somente uma visita ao rei, mas a verdade é que ele vai desposar a sua filha.

Isso fez sorrir a sereia, que conhecia melhor do que ninguém ~; os pensamentos do príncipe, porque ele lhe dissera:

- Já que os meus pais o exigem, irei ver a bela princesa, mas eles jamais me forçarão a desposá-la. Não a posso amar, pois ela não se parece, como você, com a moça do convento, e eu preferiria casar-me com você, pobre criança enfeitada, de olhos tão expressivos, apesar do seu eterno silêncio.

E o príncipe partiu. Dizendo o que disse, pousou um beijo na sua longa cabeleira.

- Espero que não tenha medo do mar, minha criança -disse- lhe, já a bordo do navio que os levava.

Depois lhe falou das tempestades e da fúria do mar, dos peixes estranhos e de tudo o que os mergulhadores encontram no fundo das águas. Tudo isso a fazia sorrir, já que, seguramente, ela conhecia o fundo do mar melhor do que ninguém.

Sob a luz da lua, enquanto os outros dormiam, sentada a bordo do navio, ela lançava os seus olhares para a transparente água, crendo avistar o castelo do seu pai, e a sua velha avó com a coroa de prata, tentando ver através da rápida corrente a quilha do navio. Certa noite, as suas irmãs lhe apareceram. Olhavam-na com tanta tristeza e retorciam as mãos. A pequena as chamou por acenos, e se esforçou para lhes fazer entender que tudo ia bem, mas no mesmo instante o grumete se aproximou, e elas desapareceram, deixando crer ao pequeno marujo que ela via somente a espuma do oceano.

No dia seguinte, o navio entrou no porto da cidade em que residia o rei vizinho. Soaram todos os sinos, a música retinia do alto das torres, e os soldados se alinharam sob as suas bandeiras flutuantes. Todos os dias eram dias de festa, bailes, saraus, mas a princesa ainda não havia chegado do convento onde recebera brilhante educação.

A pequena sereia estava curiosa de ver-lhe a beleza e teve, enfim, tal satisfação. Foi obrigada a reconhecer que jamais vira tão bela figura, de pele tão alva e grandes olhos tão sedutores.

- Foi você! - gritou o príncipe ao avistá-la. - Foi você quem me salvou a vida sobre a encosta! - e apertou nos braços a sua ruborizada noiva. - É muita felicidade! - continuou ele, voltando-se para a pequena sereia. - Os meus desejos mais ardentes se realizaram! Você participará da minha felicidade, porque me quer mais do que os outros.

A menina do mar beijou a mão do príncipe, ainda que sentisse o coração partido. E no dia das núpcias daquele a quem amava, ela devia morrer e transformar-se em espuma.

A alegria reinava por toda parte. Arautos anunciaram o casamento em todas as ruas ao som das trombetas. Na grande igreja, uma brasa perfumada queimava nas lâmpadas de prata, e os padres agitavam os incensórios. Os dois noivos deram-se as mãos e receberam a bênção do bispo. Vestida de seda e ouro, a pequena sereia assistia à cerimônia, mas só pensava na sua morte próxima, e em tudo o que perdera *neste* mundo.

Na mesma tarde, os dois jovens esposos embarcaram sob o barulho das salvas de artilharia. Todas as cabines flutuavam, e no meio do navio se erguia uma tenda real de ouro e púrpura, onde se havia preparado um magnífico leito nupcial. As velas se inflaram, e a embarcação deslizou ligeiramente sobre o límpido mar.

Ao aproximar-se a noite, acenderam-se as lâmpadas multicoloridas, e os marujos se puseram a dançar alegremente na ponte. A pequena sereia então se lembrou da noite em que, pela primeira vez, vira o mundo dos homens. Imiscuiu-se à dança, leve qual uma andorinha, e fez-se admirar como um ser sobre-humano. Mas é impossível exprimir o que se passava no seu coração. No meio da dança ela pensava naquele por quem havia deixado a família e a pátria, e sacrificado a sua maravilhosa voz, e enfrentou tormentos inauditos. Era esta noite a última em que ela poderia olhar o mar profundo e o céu estrelado. Uma noite eterna, uma noite sem sonhos a aguardavam, pois ela não tinha a alma imortal. Até às vinte e quatro horas, o júbilo e

idade de trezentos anos que morrerá e se tornará espuma. Mas avie-se! Porque antes do nascente é preciso que um de vocês dois morra. Mate-o e volte! Vê aquele risco vermelho no horizonte? Em alguns minutos o sol vai surgir, e tudo acabará para você!

Depois, dando um suspiro profundo, elas mergulharam nas vagas.

A pequena sereia desfez o nó que sustinha a cortina da tenda, e viu a jovem mulher que dormia com a cabeça apoiada no peito do príncipe. Aproximou-se deles, inclinou-se, e pousou um beijo no rosto daquele a quem tanto amara. Em seguida, voltou o olhar para a aurora, que brilhava mais e mais, olhou alternadamente a faca cortante e o príncipe que, sonhando, pronunciava o nome da esposa, levantou a arma com a mão trêmula, e... atirou-a para longe, para dentro das ondas. Onde caiu a faca, gotas de sangue pareceram esguichar da água. A sereia lançou ainda um olhar ao príncipe, e precipitou-se ao mar, onde sentiu o corpo dissolver-se em espuma.

Nesse momento, o sol saiu do cerrado horizonte. Os seus suaves e benfazejos raios caíam sobre a fria espuma, e a pequena sereia não se sentia morta: viu o rutilo céu, as purpúreas nebulosidades, e, acima dela, flutuavam milhares de criaturas transparentes e celestes. As suas vozes expressavam uma encantadora melodia, porém tão sutil, que nenhum ouvido humano a podia escutar, como nenhum olho humano podia ver tais criaturas. A menina do mar percebeu que tinha um corpo semelhante ao daqueles seres e que se despegava pouco a pouco da espuma.

- Onde estou? - indagava numa voz de que não há música que dela possa dar idéia.

- Entre as filhas do ar - responderam as outras. - A sereia não tem a alma imortal e só a pode adquirir pelo amor de um homem, a sua vida eterna depende de um poder alheio. Assim como as sereias, as filhas do ar não possuem a alma imortal, mas a podem conseguir pelas suas boas ações. Nós voamos pelas regiões quentes, onde o ar pestilento mata as pessoas para lá fazer voltar o frescor. Espalhamos na atmosfera o perfume das flores, e por todos os lugares onde passamos levamos socorros e fazemos voltar a saúde. Quando fazemos o bem por trezentos anos, recebemos a alma imortal, para podermos participar da eterna bem-aventurança humana. Pobrezinha sereia, você fez, de todo o coração, os mesmos esforços que nós e como todos nós padece!., e, tendo saído vitoriosa das suas provas, foi elevada até o universo dos espíritos etéreos, onde depende somente de você mesma obter a alma imortal, pelas suas boas ações.

E a pequena sereia, erguendo os braços ao céu, verteu lágrimas pela primeira vez.

Os sons da alegria se fizeram ouvir outra vez no navio, mas ela viu o príncipe e a sua linda esposa observar, fixa e melancolicamente, a espuma borbulhante, como se soubessem que ela se lançara às vagas. Invisível, ela abraçou a esposa do príncipe, sorriu para o es- poso, depois subiu com as outras criaturas do ar sobre um nevoeiro róseo, que se elevou ao céu.

(Andersen, p. 59-77)

Falando sobre A Pequena Sereia

Sufrimento e renúncia é o que Andersen oferece à sua Pequena Sereia. Andersen faz com que seus heróis e suas heroínas, através da dor e da humilhação, reergam-se vitoriosos e superiores. É nessa atmosfera que a Pequena Sereia vive sua história, escrita por volta de 1836.

Andersen construiu a história inspirando-se em outros contos que apresentavam ondinas e gênios das águas, os selkies, e situações nas quais o ser amado é alcançado somente se cumpridas algumas condições.

A própria figura das sereias por si só remete à idéia do desejo e da beleza feminina, que, para o Cristianismo, representam a destruição do homem e de sua alma. Isso, paradoxalmente, acaba por tornar as sereias ainda mais fascinantes.

O pente e o espelho são acessórios inerentes à imagem da sereia. Os cabelos estão ligados à sexualidade e à sedução erótica. O pente, neste sentido, acentua esse poder de sedução, moldando-o e também domando e controlando essa sensualidade.

O espelho, por sua vez, trata da vaidade e da beleza. Mas, ao mesmo tempo, ilude e engana, apresentando dois mundos paralelos, assim como se encontram as sereias, isto é, no limite de dois meios diferentes – imersas nas profundezas dos mares, mas também à tona, envolvendo os homens, seduzindo-os para essas profundezas.

A Pequena Sereia de Andersen apaixona-se por um humano e, com o intuito de ficar ao seu lado, aceitou que lhe fosse cortada a língua, de onde saía sua voz encantadora – um poderoso instrumento de sedução feminina e bastante característico na imagem das sereias.

Já na tentativa de salvar a sereiazinha, suas irmãs oferecem à bruxa seus cabelos, renunciando esse importante elemento de vaidade e sedução, o qual faz alusão aos

movimentos das águas, trazendo também a idéia da satisfação do entranhamento erótico.

A Pequena Sereia tem um destino trágico. A heroína é condenada à morte por seu intento íntimo de entrega sexual. Sendo assim, o que de fato condena-se é o princípio do desejo e do prazer.

CONCLUSÃO

Os contos de fadas exercem fascínio desde séculos passados. Esse poder de atração, contudo, não se restringe ao público infantil. Ao contrário, os adultos se encantam com essas narrativas. Deve-se salientar que era para seu entretenimento em especial que esses contos estavam destinados, inicialmente, já que a criança, como conceito que é sabido nos dias de hoje, não existia na época em que essas histórias eram contadas originalmente. A concepção de infância é uma construção histórica, que dependeu de mudanças na organização familiar e na idéia de valores e patrimônio.

Essas narrativas maravilhosas perduraram desde há tanto tempo, segundo Jung, devido às suas origens que provêm das profundezas do inconsciente, profundezas estas comuns a todos os indivíduos. Desse modo, o conteúdo dos contos de fadas permanece quase imaculado nas versões de vários países, os mais distantes, com variações mínimas.

Em se tratando de inconsciente, o pilar da psicanálise, esses contos, estarão submetidos a diversas interpretações. Dentre elas, há o caráter erótico que, por si só, constitui um tema bastante instigante. O erotismo, que exige ser tratado às escuras, no máximo “à meia luz”, permite ser identificado, mas somente se disfarçado, de modo sutil, desprezando apresentações explícitas. Sendo assim, os contos de fadas mostram apenas vestígios eróticos; tudo é realizado sempre de forma sugerida. Nada é declarado.

Para auxiliar em tais “sugestões”, os fundamentos da psicanálise desempenham um papel de destaque. A psicanálise freudiana juntamente com a psicanálise junguiana oferecem elementos que permitem a construção de uma interpretação bastante sólida, considerando a questão da sexualidade e seus desenvolvimentos. A partir dos conceitos básicos da psicanálise que foram apresentados, identifica-se então as elaborações psicanalíticas que se mostram mais evidentes nessas histórias maravilhosas, que, por sua vez, possibilitam várias outras análises e de maior complexidade, considerando mesmo a psicanálise, que permite investigações mais minuciosas, e outras ciências, tais como a história, a filosofia, a antropologia, que oferecem outras leituras possíveis que podem revelar outras faces dos contos de fadas.

Nesse ponto, pode-se ousar dizer que, considerando o olhar que, aqui se quis dar aos contos de fadas, a visão freudiana parece a mais adequada, já que trata com maior ênfase a questões sexual e erótica. Entretanto, para uma análise mais atenciosa, seria necessário estudar ambas as vertentes – freudiana e junguiana – com mais profundidade

e, então, ter um julgamento mais fundamentado, já que também os conceitos junguianos conseguem oferecer base para a construção de uma análise erótica dessas narrativas.

Cabe lembrar a relação entre literatura e a psicanálise que podem até se confundir - como os relatos de caso de Freud - já que usam do mesmo instrumento para sua realização - a palavra. Pela palavra o texto literário se constrói e pela palavra a psicanálise caminha para uma cura. Além disso, a psicanálise recorre à Literatura para fundamentar e nomear alguns de seus conceitos, como Complexo de Édipo e o comportamento Narcisista., ambos inspirados pela mitologia grega.

Uma interpretação apresenta significações novas, como a interpretação de um texto literário. Daquilo que está manifesto - o conto como ele é conhecido, puro e simples, sem qualquer “especulação” - a interpretação tenta trazer à tona aquilo que está latente - escondido atrás de símbolos, disfarces.

Esse conteúdo latente se beneficia da linguagem simbólica. A linguagem simbólica possibilita dizer algo sem que ele seja dito declaradamente, mas somente insinuado. Aqui, portanto, os símbolos atuam como “camufladores”, atendendo, então, às exigências de Eros de permanecer oculto, permitindo apenas ser deduzido, imaginado, sentido.

Interpretações, contudo, tendem a privilegiar certos aspectos em detrimento de outros. Portanto, se o erotismo e a sexualidade são tomados como base para uma leitura dos contos de fadas, questões que não se relacionam com eles são excluídas sem deixarem de ser importantes. Não obstante, como o erotismo e a sexualidade são tratados entre quatro paredes, no escuro ou através de metáforas, simulando um segredo, têm o poder de aguçar a curiosidade, fato este que ocorre, por exemplo, com *Bela Adormecida* e o quarto no alto da torre, ou ainda com *Psiqué* e a imagem de Eros.

Lembremos, no entanto, que os contos de fadas são um campo fértil, do qual podem ser colhidos temas infundáveis. Basta que sejam cultivados...

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANDERSEN, Hans Christian. Contos e Histórias; tradução de Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004.
- ARIÉS, Philippe. História social da criança e da família; tradução de Dora Fláman. Rio de Janeiro: JC Editora, 1981.
- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fadas, tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRANCO, Lúcia Castello. O que é erotismo IN Primeiros Passos. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. vol. 11, p. 59-103.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. Literatura e psicanálise. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 1996.
- COELHO, Nelly Novaes. O conto de fadas. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- DARNTON, Robert. Histórias que os camponeses contam: O significado da Mamãe Ganso IN O grande massacre de gatos; tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 2001, p. 21-101.
- FRANZ, Marie-Louise von. A interpretação dos contos de fadas, tradução de Maria Elci Spaccaquerche Barbosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- FROMM, Erich. A linguagem esquecida: uma introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos, tradução de Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.
- GRIMM, Irmãos. Contos de Fadas, tradução de Celso M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- HERRMANN, Fábio. O que é psicanálise IN Primeiros Passos. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. vol. 9, p. 51-116.
- LAJOLO, Marisa. O que é literatura IN Primeiros Passos. São Paulo: Círculo do Livro, 1982. vol. 7, p. 91-151.
- MÉNARD, René. Mitologia greco-romana; tradução de Aldo Della Nina. São Paulo: Opus, 1991, vol. 2.
- MENESES, Adélia Bezerra de. Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- PERRAULT, Charles. Histórias ou contos de outrora; tradução de Renata Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2004.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha; DAVIS, Cláudia. Psicologia do Desenvolvimento. São Paulo: EPU, 1981, vol. 1.

SILVA, Alexander Meirelles da. O conto de fada e a problemática social. Disponível em :

<<http://www.espacoacademico.com.br/039/39esilva.htm>>

SILVEIRA, Nise de. Jung: vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TATAR, Maria. Contos de Fadas/Edição comentada e ilustrada; tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

WARNER, Marina. Da fera à loira – sobre contos de fadas e seus narradores, tradução de Thelma Medici Nóbrega. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

Psicanálise Freudiana. Disponível em:

<<http://www.freud.ig3.net>>

Édipo Rei

“Laio, filho de Lábaco, rei de Tebas, subiu ao trono pela morte de seu tio Lico que se havia apoderado do poder, em detrimento do sobrinho. Não tendo filhos, foi consultar Apolo e rogou-lhe que concedesse filhos. Respondeu-lhe o deus: ‘Rei de Tebas, dos valorosos corcéis, teme tornar-te pai, apesar dos deuses! Se deres nascimento a um filho, este há de fazer-te morrer, e toda família nadará no sangue’. Nada obstante, teve Laio um filho, e, lembrando-se do oráculo do deus, entregou-os aos pastores, a fim de que o expusessem num prado consagrado a Juno, no pico do Citerônio, após furar-lhe os calcanhares com um ferro pontudo; tinha o menino o nome de Édipo. Outros pastores, recolhendo-o, entregaram-no à ama que o confiou a uma nutriz, dando ao mesmo tempo a crer ao marido que o dera à luz.

Entretanto, quando Édipo chegou à idade adulta, uma conversação ouvida num festim lhe suscitou dúvidas sobre o seu nascimento, e desejando conhecer o autor dos seus dias, foi a Delfos consultar o oráculo de Apolo. Mas o deus, sem lhe esclarecer as dúvidas, declarou-lhe que o seu destino é matar o pai e desposar a mãe. Horrorizado com tal oráculo resolveu Édipo não voltar para perto dos pais, que o haviam criado, e enveredando por uma estrada oposta, encaminhou-se para o lado de Tebas. Pelo caminho, encontrou um carro, cujo cocheiro lhe gritou com imperiosidade: ‘Estrangeiro, afasta-te, dá passagem ao rei’. Ao mesmo tempo o carro passa brutalmente e lhe faz sangrar os pés. Trava-se luta, e Édipo mata o homem que viajava no carro. Esse homem era Laio, que, ansioso por saber se o menino que mandara expor estava realmente morto e se não havia mais razão de temer a antiga profecia, fora a Delfos consultar o deus. Assim, Édipo, sem o saber, tornou-se assassino do próprio pai.

Uma terrível esfinge, nascida de Tifão e de Equidna, levou, pouco após a morte de Laio, a desolação às cercanias de Tebas. Ocupando a estrada, propunha enigmas aos viajantes, e matava os que não logravam adivinhar o sentido. Assim pereceu elevado número de infelizes, e tendo o rei Laio morrido recentemente, propusera os tebanos a coroá-la e a mão da rainha a quem os livrasse daquele flagelo. Édipo apresentou-se: ‘Qual é, perguntou-lhe a esfinge, o animal que tem quatro pés de manhã, dois ao meio-dia, e três ao cair da noite? – É o homem, respondeu Édipo; na infância, anda de gatinhas; na

velhice, apóia-se a um bordão'. Então e em conformidade com a decisão do oráculo, foi a esfinge atirar-se às ondas.

Édipo tornou-se rei de Tebas, e, de acordo com o que fora predito, desposou a viúva do rei Laio, sem saber que era sua própria mãe. Espantosas calamidades tombaram então sobre a cidade de Tebas; o povo rumou para o palácio de Édipo, certo de que o que soubera livra-lo da esfinge conseguiria também aliviar-lhe os males. Foi o grão-sacerdote que falou em nome de todos. 'Édipo, disse ele, soberano do meu país, vês que multidão se amontoa em torno dos altares diante do teu palácio, crianças que mal se sustêm de pé, sacerdotes arcados ao peso da velhice, eu, pontífice de Júpiter, e o escol da mocidade; praças públicas, diante dos dois templos de Palas, perto do profético altar de Apolo. Tebas, já demasiadamente batida pela tormenta, não mais pode erguer a cabeça do mar de sangue em que mergulhou; a morte atinge os germes dos frutos nas entranhas da terra; a morte fere os rebanhos e faz perecer o filho no seio da mãe; uma divindade inimiga, a peste devoradora, devasta a cidade e despoeva a raça de Cadmo, o negro Plutão se locupleta com as nossas lágrimas e os nossos gemidos... Foste tu que, vindo à cidade de Cadmo, a livraste do tributo que ela pagava à esfinge cruel, e com o auxílio dos deuses te tornaste nosso libertador. Hoje, outra vez, Édipo, suplicamos-te um remédio aos nossos males, quer te ilumine um deus com os seus oráculos, quer um homem com os seus conselhos. Vem, tu que és o melhor dos mortais, reergue a cidade abatida; vela por nós, pois é a ti, hoje, que esta cidade chama seu salvador, em virtude dos serviços passador' (Sófocles).

Para conhecer a causa dos males que afligiam a cidade, Édipo enviou a Delfos um representante que consultasse o oráculo. 'O flagelo, respondeu o deus, só cessará quando os tebanos tiverem expulsado do seu território o assassino de Laio'. Imediatamente ordena Édipo que se façam por toda parte buscas para descobrir o paradeiro do assassino, e indignado com a idéia de que um só homem tem a culpa das desgraças de um povo inteiro, lança contra ele imprecações: 'Seja quem for esse indivíduo, proíbo a todo habitante desta cidade em que reino que o receba, que lhe dirija a palavra, que o admita às preces e aos sacrifícios divinos, que lhe apresente a água da pátria; assim mo ordenou o oráculo do deus que adoramos em Delfos. Assim procedendo, obedeço ao deus, e vingo o rei que já não existe. Amaldição o autor oculto do crime, quer o tenha cometido sozinho, que tenha tido cúmplices; proscrito, deverá arrastar uma vida miserável. E se for admitido ao meu palácio, ao meu lar, e com o meu

consentimento, submeto-me eu também às imprecações que lanço contra os culpados' (Sófocles).

Entretanto, como não havia índice nenhum para descobrir o culpado, e como o flagelo assumisse proporções fantásticas, Édipo mandou procurar o adivinhador Tirésias. O adivinho recusa-se a princípio a responder, mas o rei o ameaça, e começa a supor a verdade. O infeliz Édipo, retirado no seu palácio, manda chamar o pastor que outrora o abandonara, e termina por conhecer a sua situação. O povo aguardava, apinhado à porta do palácio, nada sabendo do que ali se passava.

Ouve-se então a nova de que terrível desgraça sucedeu, e que a rainha acaba de morrer. Um mensageiro não tarda em trazer a fatal notícia. 'Jocasta morreu! Exclama. Matou-se com as suas próprias mãos. Sacudida por sombrio furor, desde que atravessou o limiar do palácio, correu ao quarto nupcial, arrancando os cabelos; uma vez ali, fechou violentamente as portas pelo lado de dentro, evocou a sombra de Laio, lembrando-lhe a recordação do filho esquecido, por cuja mão ele pereceria. Não vi como faleceu, porque Édipo correu dando altos brados, o que impediu de ver a morte de Jocasta; mas os nossos olhares se voltam para ele, que ia de um lado a outro. Pede-nos uma espada, atira-se contra as portas, faz saltar os batentes dos gonzos, e entra no aposento. Ali vemos Jocasta, ainda pendente do laço fatal que lhe terminou os dias. Diante daquele espetáculo, o desgraçado ruge como um leão, e desfaz o laço; mas quando o corpo da desventurada tocou o chão, deparou-se-nos medonha cena: arrancando os colchetes de ouro da veste que cobria Jocasta, Édipo fere os próprios olhos, porque, dizia, não tinha visto nem as suas desgraças, nem os seus crimes, e agora, nas trevas, já não veriam os que ele não devia ver, já não reconheceriam os que lhe houveram sido agradável reconhecer. Assim falando, bate e dilacera repetidamente as pálpebras; ao mesmo tempo, os olhos, ensangüentados, lhe banhavam o rosto, e não eram apenas gotas que deles caíam, era uma chuva de sangue. Aí estão os males comuns a ambos: felizes noutros tempos, desfrutavam de uma felicidade merecida, mas hoje os gemidos, o desespero, o opróbrio e a morte, nenhuma espécie de desgraça falta' (Sófocles)

Édipo deixou, pois, o país que a sua presença conspurcava e onde era apenas objeto de opróbrio. Sua filha Antígona tornou-se-lhe o único apoio, e o seu nome ficou como tipo do amor filial. Foi ela que, guiando os passos do pai cego implorava dos viajantes caridade por quem fora um rei poderoso e honrado: 'Estrangeiro piedoso, dizia ela, se não queres ouvir de meu velho pai a narração dos seus crimes involuntários,

suplico-te que te compadeças do meu infortúnio, eu que imploro por um pai, eu que te suplico, cravando nos teus os meus olhos, e peço compaixão por este desgraçado. Imploro-te pelo que te é mais caro, teu filho, tua promessa, o Deus que adoras' (Sóclofes).

O infeliz Édipo encontrava na admiração que lhe inspiravam as virtudes da filha uma espécie de alívio aos males. 'Minha filha, dizia, desde que saiu da infância e desde que seu corpo se fortaleceu, sempre errante e infeliz comigo, acompanhou a minha velhice, suportou a fome, caminhou descalça através das florestas e, desafiando chuvas e raios de sol, desprezou todos os prazeres de Tebas, para prover à existência do pai' (Sóclofes).

Enquanto Édipo, refugiado na Ática, buscava um asilo com Teseu, seus dois filhos lutavam em Tebas pela posse do trono, ao qual ambos aspiravam. Finalmente, concordaram em reinar ambos, sucedendo-se um ao outro, ao cabo de um ano de governo. Mas Etéoclo, que foi rei em primeiro lugar, recusou-se em seguida a permitir a entrada do irmão, que se refugiou em Argos, onde tratou de armar um exército para marchar sobre Tebas.

Ficou decidido, então, consultar o oráculo. Respondeu este que o rei não teria segurança no trono senão depois de voltar à pátria o velho Édipo. Os dois irmãos, então, mandaram procurar Édipo, que respondeu com imprecações contra eles: 'Filhos que teriam podido socorrer o pai recusaram-se a dar-lhe assistência, e, na falta de uma palavra da parte deles, fui entregue ao exílio e à indigência. Minhas filhas, na medida que lhes permite a fraqueza do sexo, me nutrem, me abrigam e me dispensam todos os cuidados da piedade filial; eles, pelo contrário, à salvação do pai preferiram o trono e o poder soberano. Assim, jamais obterão o meu auxílio, jamais terão o tranqüilo gozo do reino de Cadmo. Não, que os deuses jamais extingam as suas fatais discórdias! Que o que hoje possui o cetro fique privado dele, e que o exilado jamais torne a passar pelos muros de que foi expulso! Eles que viram o pai indignamente expulso da pátria, sem retê-lo nem defendê-lo' (Sóclofes).

Édipo morreu na Ática após proferir a maldição contra os filhos. Diz Pausânias que o seu túmulo estava perto de Atenas no recinto consagrado aos Eumênidas". (Ménard, 1997, p. 20-29).

ANEXO 2

Eros e Psiquê

“Em certa civilização havia um rei e uma rainha que tinham três filhas lindíssimas. As duas mais velhas, ainda que fossem também muito belas, podiam perfeitamente ser celebradas por louvores dos homens, mas não havia linguagem humana capaz de descrever ou pintar a formosura extraordinária da mais moça. Muitos a proclamam como a nova deusa do amor, ameaçando assim o trono da soberana Afrodite, mãe de Eros. Preterida e abandonada, a deusa planeja e prepara a vingança contra a jovem Psiquê, formosa, bela e sedutora da alma e da inteligência humana. “Uma beleza metafísica”, assim é Psiquê.

Ao par do perigo que a cerca, a Grande Mãe, impulso físico do mundo, Afrodite, querendo evitar o confronto de beleza, a deusa chamou seu filho Eros, menino alado e de maus costumes, corruptor da moral pública e provocador de escândalos, o desejo dos sentidos, e deu-lhe uma incumbência urgente. Levou-o à região onde vivia a linda Psiquê, e pediu-lhe que a fizesse apaixonar-se pelo mais horrendo dos homens.

Sim, porque Eros simboliza o Cupido, Sagitário, o arqueiro do amor, que com suas flechas “envenenadas”, espalha o amor em todos quantos consegue atingir, sem distinção, fazendo juntar e separar casais e “si mesmos”, que se gosta e desgosta de acordo com as correntezas ou marezias do amor e a necessidade constante de fugir ao ódio ou a morte de si. Beijou-o, muitas vezes, com os lábios entreabertos e retornou a seu habitat preferido, o bojo macio do mar.

O rei, casadas as duas filhas mais velhas e temendo, como Liríope, a cólera dos deuses por causa da beleza da mais jovem, mandou consultar o Oráculo de Apolo em Míleto. A resposta do deus foi direta e aterradora: Psiquê, coberta com uma indumentária fúnebre, deveria ser conduzida ao alto de um rochedo, onde um monstro asqueroso com ela se uniria. Eros, entretanto, que em lugar de ferir com suas flechas a jovem donzela, havia sido ferido por ela, ordenou ao vento Zéfiro que a transportasse para um vale macio e florido, que se estendia na orla da montanha. Após descansar de tantas emoções e restaurada faltando um sonho vivificador, a jovem princesa se ergueu e viu logo, cercado por um bosque, à beira de uma fonte, um palácio de sonhos: as paredes eram recamadas de baixos-relevos de prata; o pavimento, confeccionado de mosaicos de pedras preciosas; os imensos salões tinham paredes de ouro maciço.

Naquela mesma noite da chegada da princesa ao vale dos encantos, Eros, sem se deixar ver, fez de Psiqué sua mulher, mas, antes do nascer do sol, desapareceu rápida e misteriosamente.

Toda noite Eros voltava ao vale e desposava a princesa e partia incógnito e a jovem acabou por acostumar-se à sua nova existência: as Vozes, atentas e solícitas, apaziguavam-na da solidão.

A Fama, uma divindade que simboliza “a voz pública”, fofoqueira, porém, denunciou a aventura de Psiqué e as irmãs casadas, tristes e cobertas de luto, deixando seus lares, apresentaram-se em visitar e confortar os pais.

Eros pressentiu a ameaça que pesava sobre a felicidade do casal e avisou a esposa do perigo iminente: as irmãs, dentro em pouco, viriam até o rochedo para chorá-la. Psiqué deveria fazer ouvidos moucos às suas lamentações e nem sequer “olhar para ela”, para não incidir no mesmo erro de Orfeu... A jovem esposa tudo prometeu, mas tão logo o amante se retirou, incógnito com sempre, Psiqué se viu mais que nunca prisioneira da própria felicidade, impedida de consolar e até mesmo de ver suas irmãs (fofoca).

Usando de persuasão e muita astúcia e sedução, Psiqué conseguiu arrancar do esposo permissão não apenas para vê-las, mas ainda o consentimento para que Zéfiro as transportasse até seu palácio paradisíaco. Entorpecido, Eros concordou com tudo, mas recomendou-lhe e implorou que jamais tentasse ver-lhe o rosto, por mais que as irmãs insistissem nesse ponto.

O encontro, a princípio, foi uma festa, um êxtase. às Lágrimas de dor sucederam as manifestações de alegria e regozijo. Persuadida pelo o ambiente do encontro, a ingênua Psiqué ia-lhes abrindo os segredos de sua doce ventura, a abundância de suas riquezas, as sementes da inveja começaram a germinar-lhes no coração. Embaraçando-se cada vez mais com as perguntas de uma das irmãs, Psiqué tratou-se de inventar respostas e, cumuladas as irmãs de ouro e jóias, fez que Zéfiro as levasse de volta ao rochedo. Mas agora envenenadas pelo fel da inveja, começaram a questionar e confrontar a vida delas com o destino luminoso da irmã mais jovem.

Eros, naquela mesma noite, voltou a advertir a esposa: Não vês o perigo que de longe te ameaça ? Se não procederes com a máxima cautela, o destino se abaterá sobre ti. As bruxas traiçoeiras esforçam-se por armar uma cilada e a pior armadilha é persuadir-te a contemplar meu rosto. Já te adverti muitas vezes de que nunca mais o verás, se o contemplares uma única vez (...) Dentro em breve teremos um filho . Ainda uma

menina, darás à luz uma criança. Se guardares nosso segredo, ela será um deus; se o propalares, será tão-somente um ser mortal.

Os dias se passaram rápidos e o esposo noturno voltou, desta feita, mais incisivo em admoestá-la de que chegara o momento decisivo: as bruxas já se aproximavam, prontas para destruir-lhe a paz e a felicidade. “Deixa-as uivar do cume do rochedo, como as Sereias, com sua voz fúnebre”.

Novas lágrimas de Psiqué, novas promessas, novas juras de amor e o deus apaixonado novamente se curvou aos caprichos da esposa. As conspiradoras, entretanto, tal era a presa em executar seu plano sórdido, tão logo chegaram ao alto do rochedo, nem mesmo esperaram faltando Zéfiro, lançando-se temerariamente no abismo.

A contragosto, o Vento as acolheu e depositou no solo. Com fingida alegria congratularam-se com a irmã pela gravidez, conseguindo, desse modo, desfazer qualquer suspeita. Em seguida, vieram as perguntas, sempre as mesmas: queriam saber quem era o marido de Psiqué. Esta, em sua ingenuidade, se contradisse: na primeira visita dissera-lhes que o esposo era um jovem lindíssimo e agora o descreveu como um homem de meia-idade, um riquíssimo comerciante. Era o que lhes bastava: ou a irmã estava mentindo, e o marido era um deus, ou ela simplesmente ignorava seu aspecto.

De qualquer forma, era preciso destruir a prosperidade de Psiqué. Passaram uma noite em claro em casa dos pais, matraqueando o plano que deveria ser colocado em prática, já pela manhã, estavam novamente no palácio de Eros. Com fingida e cínica preocupação, mostraram à irmã o perigo que a ameaçava. Quem à noite se deitava a seu lado não era um homem, mas uma serpente enroscada em mil anéis, com as faces túrgidas de peçonha, a boca larga como um abismo.

Lembraram-lhe o Oráculo de Apolo que a destinava a unir-se a um mostro, reforçando seu intento diabólico com a mentira: a medonha serpente, segundo camponeses e caçadores da região, tem sido vista à noitinha, atravessando o rio vizinho em direção ao palácio.

O mostro aguardava apenas o momento oportuno para devorá-la, bem como à criança que ela trazia no ventre. Elas, porém, as irmãs, ali estavam prontas para ajudá-la! Transtornada, Psiqué confessou-lhes a verdade: jamais contemplara o rosto do marido e pediu-lhes súplice que a protegessem e assistissem. Vendo que tudo estava aparelhado para o plano sinistro, há muito arquitetado, uma das bruxas o transmitiu à insegura e desditosa esposa de Eros: deveria ela preparar um punhal bem afiado e um candeeiro de luz bem forte.

Quando a “serpente imunda” mergulhasse em sono profundo, seria o instante propício: iluminar-lhe cuidadosamente o rosto e de um só golpe cortar-lhe a cabeça. Embora tivessem prometido que permaneceriam a seu lado, até a “execução do mostro”, tão logo perceberam que o veneno fizera seu efeito, apressaram-se em deixá-la. Sozinha, com o espírito transtornado, Psiqué se agita e parece decidida a perpetrar o crime, mas eis que subitamente hesita, depois resolve; vacila outra vez, desconfia das irmãs, se enfurece, lembra-se dos ternos abraços do esposo... Seria ele, realmente, uma serpente imunda ? Psiqué num mesmo corpo odeia o monstro e ama o marido. Eis a ambigüidade do amor; monstro ou fada, medo e curiosidade.

Eros a seu lado dormia tranqüilamente. Como fora de si, a jovem esposa reuniu todas as suas forças: numa das mãos o candeeiro, na outra o punhal. Muito de leve aproximou a luz do rosto do marido. Estava revelado o grande segredo: viu a mais delicada, a mais bela de todas as feras. Eros, o deus do amor, ali estava diante de seus olhos. Tomada de pânico, a jovem quis matar-se, mas o punhal se lhe escorregou da mão. Percebendo ao lado do leito a aljava e as flechas do deus, ao tocá-las, acabou ainda por ferir-se com uma delas. Agora, mais do que nunca, sua paixão seria eterna. Inflamada de amor, inclina-se sobre ele e começa a beijá-lo como louca. Esquecida do candeeiro, deixa-o curvar-se em demasia e uma gota de azeite fervente cai no ombro do deus adormecido. Eros desperta num sobressalto e, ao ver desvendado seu segredo, levantou vôo no mesmo instante; sem dizer uma só palavra, afastou-se rapidamente da esposa. Esta ainda tentou segui-lo através das nuvens, segurando-lhe a perna direita, mas, exausta, caiu ao solo.

Foi então que, descendo das alturas celestiais e pousando num “cipreste”, Eros falou à sua amada: Quantas vezes não te admoestei acerca do perigo iminente, quantas vezes não te repreendi delicadamente. Tuas ilustres conselheiras serão castigadas em breve, faltando suas pérfidas lições; quanto a ti, teu castigo será minha ausência.

Estava decretado o início do itinerário doloroso de outra Psiqué.

Fora de si, a princesa, desejando morrer, lançou-se às correntezas de um rio próximo, mas as próprias águas, numa corcova, repuseram-na em terra”.

ANEXO 3

Chapeuzinho Vermelho

(em Darnton, p. 21-22)

“Certo dia, a mãe de uma menina mandou que ela levasse um pouco de pão e de leite para sua avó. Quando a menina ia caminhando pela floresta, um lobo aproximou-se e perguntou-lhe para onde se dirigia.

_ Para a casa de vovó _ ela respondeu.

_ Por que caminho você vai, o dos alfinetes ou o das agulhas?

_ o das agulhas.

Então o lobo seguiu pelo caminho dos alfinetes e chegou primeiro à casa. Matou a avó, despejou seu sangue numa garrafa e cortou sua carne em fatias, colocando tudo numa travessa. Depois, vestiu sua roupa de dormir e ficou deitado na cama, à espera . Pam, pam.

_ Entre, querida.

_ Olá, vovó. Trouxe um pouco de pão e de leite.

_ Sirva-se também de alguma coisa, minha querida. Há carne e vinho na copa.

A menina comeu o que lhe era oferecido e, enquanto o fazia um gatinha disse: ‘menina perdida! Comer a carne e beber o sangue de sua avó!’

Então, o lobo disse:

_ Tire a roupa e deite-se na cama comigo.

_ Onde ponho meu avental?

_ Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dele.

Para cada peça de roupa – corpete, saia, anágua e meias – a menina fazia a mesma pergunta. E, a cada vez, o lobo respondia:

_ Jogue no fogo. Você não vai precisar mais dela.

Quando a menina se deitou na cama, disse:

_ Ah, vovó! Como você é peluda!

_ É para me manter mais aquecida, querida.

_ Ah, vovó! Como são compridas as suas unhas!

_ É para me coçar melhor, querida.

_ Ah, vovó! Que dentes grandes você tem!

_ É para comer melhor você, querida.

E ele a devorou.”

ANEXO 4

Sol, Lua e Tália

(de Giambattista Basile, em Warner, p. 253-254)

Em Basile, o herói salvador estava casado com outra mulher no começo da história; enquanto caçava, encontrou a bela adormecida Tália, que havia espetado o dedo numa fibra de linho. Ela não acordou, por mais que ele gritasse, e “ele colheu os frutos de seus amor”, tendo com ela dois filhos no mesmo instante, gêmeos chamados Sole e Luna. Um dos bebês, tentando mamar no corpo da mão letárgica, suga o dedo em vez do seio e, assim, retira a farpa de linho que a havia feito cair em seu sono encantado. Ela acorda. O rei, que nesse ínterim se esquecera de sua pequena aventura, um ano depois passa a cavalo pelo mesmo bosque e recorda o ocorrido; enquanto sua Segunda família acordada e robusta. Sua mulher fica desconfiada, e toma as medidas; usa de um ardil para chamar os gêmeos até a corte e depois ordena que o cozinheiro “os mate e transforme em várias guloseimas e molhos para servir ao desprezível pai deles”. O cozinheiro tem coração mole e não mata os gêmeos; substitui-os por dois cabritos, que serve “em cem pratos diferentes”; o rei ataca a refeição com apetite, o tempo todo soltando exclamações de prazer diante de tantas delícias, enquanto a rainha comenta cruelmente: “Coma tudo, você está comendo o que pertence verdadeiramente a você”. Ao que ele responde, zangado: “Sei muito bem que estou comendo o que é meu, porque você não trouxe nada para esta casa”.

A rainha, uma anomalia assexuada, assassina e brutal, que então induz Tália a visitá-la na corte e a repreende furiosamente, recusando-se a ouvi-la quando Tália protesta que dormia profundamente durante todo o episódio, e que portanto não tinha culpa. A rainha manda preparar uma imensa pira para queimar Tália, mas atende às súplicas da rival e permite que esta tire as roupa antes – em parte, porque cobiçava seus finos bordados e jóias. Tália grita enquanto tenta ganhar tempo, despindo cada peça de roupa uma a uma, até que no último momento, enquanto é arrastada par o caldeirão que já ferve sobre o fogo, o rei finalmente atende seus gritos de socorro. Pergunta pelos filhos; a esposa lhe diz que ele os comera. Ele ordena instantaneamente que ela seja lançada às chamas no lugar de Tália, junto com seus cúmplices. Mas o cozinheiro implora pela própria vida quando chega sua vez de morrer, exibindo as crianças que

salvara. As crianças reencontradas voltam a unir-se ao pai, que promove o cozinheiro a valete do quarto de dormir e se casa com Tália.

